



**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade de Coimbra**

**Contextualização das aprendizagens
no 1.º Ciclo do Ensino Básico:
O caso dos Manuais Escolares do Estudo do Meio**

**Dissertação de Mestrado em
Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores**

Maria José Moleiro Ferreira Jorge

Coimbra, 2011



Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade de Coimbra

Contextualização das aprendizagens
no 1.º Ciclo do Ensino Básico:
O caso dos Manuais Escolares do Estudo do Meio

Dissertação de Mestrado em *Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores*, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e realizada sob orientação das Professoras Doutoras Maria Helena Lopes Damião da Silva e Maria Isabel Ferraz Festas.

Maria José Moleiro Ferreira Jorge

Coimbra, 2011

"Cada um que passa na nossa vida passa sozinho, pois cada pessoa é única, e nenhuma substitui outra. Cada um que passa na nossa vida passa sozinho, mas não vai só, nem nos deixa sós. Leva um pouco de nós mesmos, deixa um pouco de si mesmo. Há os que levam muito; mas não há os que não levam nada. Há os que deixam muito; mas não há os que não deixam nada. Esta é a maior responsabilidade de nossa vida e a prova evidente que duas almas não se encontram ao acaso."

Antoine de Saint-Exupéry

Para levar a “bom porto” este trabalho, contei com a disponibilidade, apoio colaboração de um grupo de pessoas, que se tornou minhas amigas. Para elas o meu reconhecimento, sobretudo por me incentivarem a ultrapassar grandes dificuldades.

Manifesto a minha gratidão à Professora Doutora Maria Helena Lopes Damião da Silva pela competência, encorajamento e inteira disponibilidade, pelas críticas e conselhos, mas, sobretudo pelo estímulo e ajuda na concretização deste projecto. Agradeço à Professora Doutora Maria Isabel Ferraz Festas pela confiança demonstrada, pelas aprendizagens gratificantes que me permitiu alcançar, pautadas por uma convivialidade saudável e uma simpatia que muito admiro e estimo.

Aos professores da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e aos colegas do mestrado pelos ensinamentos.

À minha família que sempre me incentivou a continuar os meus estudos. Em especial às minhas sobrinhas por terem passado sem a tia, quando necessitavam de tempo, carinho, atenção...

A todos quantos, de uma alguma forma, me apoiaram com palavras de incentivo nesta nova experiência.

Agradeço aos meus alunos que me fazem acreditar todos os dias que vale a pena ser professora. Eles sim, constituem a razão de ser e o fim de tudo!

A todos, muito obrigada.

Índice geral

Resumo/ Abstract	9
Introdução	11
Capítulo 1 – Orientações curriculares para o Estudo do Meio	15
1.1. A legislação sobre a área disciplinar do Estudo do Meio	15
1.2. Documentos curriculares e programáticos	17
Capítulo 2 – Os manuais escolares no ensino	29
2.1. Orientações da tutela relativas aos manuais escolares	29
2.2. Os manuais escolares como objecto de estudo	31
Capítulo 3 – Estudos empíricos	35
3.1. Primeiro Estudo – Estudo dos manuais	37
3.2. Segundo Estudo – Estudo com professores	47
Conclusões	57
Referências bibliográficas	61
Anexos	64

Índice de quadros

Quadro 1 –	Destaque dos objectivos gerais do Ensino Básico mais relevantes para o Estudo do Meio.(In Lei de Bases do Sistema Educativo, 1986/2005)	16
Quadro 2 –	Objectivos gerais do 1.º Ciclo do Ensino Básico (in <i>Organização Curricular e Programas – 1.º Ciclo</i> , 2004, 13)	19
Quadro 3 –	Dimensões dos objectivos gerais do Ensino Básico e sua Especificação <i>Organização Curricular e Programas – 1.º Ciclo</i> , 2004, 15- 16	20
Quadro 4 -	Programa resumido do 1.º Bloco da área curricular do Estudo do Meio	21
Quadro 5 -	Programa resumido do 2.º Bloco da área curricular do Estudo do Meio	23
Quadro 6 -	Programa resumido do 3.º Bloco da área curricular do Estudo do Meio	23
Quadro 7 -	Programa resumido do 4.º Bloco da área curricular do Estudo do Meio	24
Quadro 8 -	Programa resumido do 5.º Bloco da área curricular do Estudo do Meio	25
Quadro 9 -	Programa resumido do 6.º Bloco da área curricular do Estudo do Meio	26
Quadro 10 -	Exemplos de actividades contextualizadas na esfera privada referenciados nos manuais em análise	39
Quadro 10a -	Exemplos de actividades contextualizadas na esfera privada referenciados nos manuais em análise	40
Quadro 10b -	Exemplos de actividades contextualizadas na esfera privada referenciados nos manuais em análise	40
Quadro 11 -	Exemplos de actividades contextualizadas na esfera pública nos manuais em análise	41
Quadro 11a -	Exemplos de actividades contextualizadas na esfera pública nos manuais em análise	
Quadro 11b -	Exemplos de actividades contextualizadas na esfera pública nos manuais em análise	43
Quadro 12 -	Exemplos de actividades não contextualizadas nos manuais em análise	44
Quadro 12 a -	Exemplos de actividades não contextualizadas nos manuais em análise	43
Quadro 13 -	Exemplos de actividades não contextualizadas nos manuais em análise	45
Quadro 14 -	Síntese da análise dos manuais do 2.º ano	46
Quadro 15 -	Síntese da análise dos manuais do 3.º ano	46
Quadro 16 -	Síntese da análise dos manuais do 4.º ano	47
Quadro 17 -	Caracterização da amostra quanto ao sexo, tempo de serviço e anos que lecciona	48
Quadro 18 -	Actividade A – Contextualizada na esfera privada	51
Quadro 19 -	Actividade B – Contextualizada na esfera pública	53
Quadro 20 -	Actividade C – Não contextualizada	54

RESUMO

A contextualização em vivências concretas do quotidiano dos alunos constitui uma opção curricular da tutela que colhe larga aceitação em teorizações pedagógicas contemporâneas. Trata-se de uma estratégia susceptível de envolver a privacidade dos alunos e das suas famílias, sendo, nessa óptica, questionável.

Situando-nos no 1.º Ciclo do Ensino Básico, mais especificamente na área disciplinar de Estudo do Meio, realizámos, num primeiro momento, uma análise de documentos normativo-legais, curriculares e programáticos, que devem conduzir o ensino nessa área, para verificar a expressão dessa concepção educativa nas suas determinações. Num segundo momento, explicámos o sentido e uso dos manuais escolares no ensino e na aprendizagem. Isto para, num terceiro momento, apresentarmos a investigação empírica, que realizámos, cujos objectivos foram apurar a infiltração da referida concepção nas actividades apresentadas nos manuais de Estudo do Meio, mais adoptados nos quatro anos de escolaridade, e o entendimento que professores desse nível educativo têm de tais actividades.

Com recurso a instrumentos estruturados – grelha e entrevista – foi possível apurar que os manuais escolares estão em consonância com as orientações curriculares; as actividades neles apresentadas encontram-se contextualizadas em vivências concretas do quotidiano dos alunos sobretudo as actividades contidas os manuais dos dois primeiros anos de escolaridade. O segundo estudo revelou que a maioria dos professores contextualiza as actividades, mesmo aquelas que estão na esfera do não contextualizado.

Palavras-chave: Manuais escolares; Contextualização das aprendizagens, 1.º Ciclo de escolaridade; Estudo do Meio.

ABSTRACT

The context in concrete everyday experiences of students is a curriculum option of guardianship harvesting wide acceptance in contemporary pedagogical theories. It is a strategy that will involve the privacy of students and their families, and, accordingly, questionable. Putting ourselves in a 1st cycle of basic education, more specifically in the subject area of Environmental Studies, conducted at first, an analysis of normative-legal documents, and programmatic curriculum, which should lead the teaching in this area to check the expression of this educational concept in their determinations. Secondly, we explain the meaning and use of textbooks in teaching and learning. This is to, a third time, we present the empirical research that we conducted whose objectives were to determine infiltration of that concept in the activities presented in the manuals of Environmental Studies adopted in more than four years of education and understanding that teachers have this level of education of such activities.

Using structured instruments - grid and interview - it was found that the textbooks are in line with curriculum guidelines, the activities presented therein are contextualized in concrete everyday experiences of the students especially the first two years of schooling. The second revealed that most teachers contextualize the activities, even those in the sphere of non-contextualized.

Keywords: Textbooks; Context of learning, 1. First cycle of schooling; Environmental Studies.

Introdução

A aventura de partir à “descoberta” para conhecer o Meio – no sentido de saber pensar e actuar sobre ele – pressupõe o desenvolvimento de competências específicas e, três grandes domínios que se relacionam entre si: a localização o espaço e no tempo; o conhecimento do ambiente natural e social e o dinamismo das inter-relações entre o natural e o social.

Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001: 81.

A Lei 46/86 de 14 de Outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo), revista em 2005, é bem clara ao estabelecer nos seus Princípios Gerais (Artigo 2.º) a importância do papel formativo da escola, designadamente quanto à transmissão de valores e à promoção das dimensões cívicas e sócio-morais da educação escolar no seu todo. O mesmo propósito aparece reforçado nos Artigos 3.º (Princípios Organizativos), 7.º (Objectivos do Ensino Básico) e 47.º (Desenvolvimento Curricular) da mesma lei.

Estes princípios espelham-se nos documentos normativo-legais, emitidos posteriormente, assim como nos documentos curriculares e programáticos para o 1.º Ciclo do Ensino Básico que, por sua vez, se especificam e concretizam nos conteúdos temáticos dos manuais escolares que os professores adoptam.

De acordo com o *Currículo Nacional do Ensino Básico* (CNEB, 2001), o Estudo do Meio pretende levar o aluno a compreender melhor os “elementos, fenómenos, acontecimentos, e ou processos de diversa índole” (CNEB, 2001: 75) que acontecem no seu meio circundante com o propósito de nele intervir criticamente. Esta forma de intervenção é explicitada, neste documento, por um lado como a capacidade do aluno de conhecer e analisar as condições e situações desse mesmo meio e, por outro, como a sua capacidade de modificar essas condições e situações.

Na Dissertação que agora apresentamos, e que tem por título *Contextualização das aprendizagens no 1.º Ciclo do Ensino Básico: O caso dos Manuais Escolares do Estudo do Meio*, concentramo-nos, tal como indicado, na área curricular disciplinar de Estudo do Meio para o 1º Ciclo do Ensino Básico.

Tratando-se de uma área interdisciplinar e intradisciplinar, o Estudo do Meio

inclui os contributos específicos das várias ciências que o integram (História, Geografia, e Ciências Físicas e Naturais, entre outras), sendo fulcral a acção do professor na gestão do processo de ensino-aprendizagem e sobretudo na organização dos conteúdos a abordar.

Dentro deste âmbito de acção, o professor deverá proporcionar aos alunos oportunidades de partirem “das suas percepções, vivências e representações” portanto do “experiencialmente vivido” para um conhecimento e uma actuação mais conscientes no seu meio circundante. O professor deve, pois, juntamente com os discentes “contextualizar essas e outras experiências”, ou seja referenciá-las ao meio envolvente, à vida, ao raio de acção e universo afectivo e subjectivo do aluno de forma a que estas experiências adquiram significado e validade e proporcionar àqueles “aprendizagens significativas” (CNEB, 2001: 75 e 76).

Do exposto se infere que o Estudo do Meio é entendido, nos documentos tutelares, como uma área que privilegia a contextualização das aprendizagens, opção pedagógica que, eventualmente, se reflecte nas actividades propostas pelos manuais escolares e, em sequência, nas concepções dos professores.

Ao longo da nossa actividade como docente do 1.º Ciclo do Ensino Básico, temos vindo a constatar que a contextualização dos conhecimentos escolares tem assumido um carácter indiscutível como prática docente comumente aceite e “ocupa grande relevância no actual panorama educativo.” (Festas, no prelo). Esta prática pressupõe que os conhecimentos abstractos e de validade universal sejam referenciados na vida e na história pessoal e familiar do aluno.

Os conhecimentos, desde logo e por conta do processo de contextualização estruturados a “partir do contexto social e cultural dos alunos e, ainda, das suas vivências pessoais e familiares” (Festas, no prelo), adquirem uma vertente individual e subjectiva que os exclui do âmbito de aplicação de critérios de objectividade e de universalidade tão caros à tradição científica do mundo ocidental (Searle, 1999).

Neste enquadramento, procuramos verificar como os princípios educacionais preconizados pela Lei de Bases do Sistema Educativo (1986/2005) se harmonizam com outros documentos normativos-legais relevantes para o Estudo do Meio, se explicitam nas orientações curriculares e programáticas específicas para esta área e se consubstanciam nas abordagens, nas instruções e nas respectivas tarefas dos manuais escolares. Intentamos desta maneira averiguar a conformidade existente entre os objectivos pedagógicos, que perpassam os vários documentos normativo-legais, curriculares e progra-

máticos, e as abordagens e as actividades propostas pelos respectivos manuais escolares; finalmente, quisemos conhecer as opiniões de docentes do 1.º Ciclo do Ensino Básico sobre as metodologias da contextualização seguidas pelos manuais.

Apresentamos um trabalho de carácter teórico e empírico que estrutuamos em três capítulos complementares. No primeiro capítulo, intitulado de *Orientações curriculares para o Estudo do Meio*, incidimos a nossa análise sobre os documentos normativo – legais e curriculares com o objectivo de neles encontrarmos os pontos referenciais que indiciam a metodologia da contextualização referente ao Estudo do Meio.

No segundo capítulo, *Os manuais escolares no ensino*, vimos que os manuais escolares são um instrumento determinante para o professor na sua tarefa docente, como organizador e gestor dos processos de ensino e de aprendizagem, abrangendo também a área curricular disciplinar de Estudo do Meio. Neles se encontram tratados os conteúdos a serem adquiridos pelos alunos, explicitando os objectivos de aprendizagem e as actividades que permitam concretizá-los.

No terceiro capítulo, *Estudos Empíricos*, descrevemos o processo de selecção e os instrumentos de análise que aplicamos no estudo de doze manuais de Estudo do Meio (os três mais adoptados por ano de escolaridade); neste capítulo ainda, interpretamos os dados obtidos sobre o tipo de actividades contidas nos manuais classificando-as quanto ao tipo de contextualização que propõem. Procuramos também conhecer a opinião de uma amostra de vinte professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico sobre a contextualização das actividades de ensino - aprendizagem. Terminamos este trabalho com as conclusões e sugestões sobre temas que aprofundados poderão contribuir para uma melhor compreensão do fenómeno da contextualização dos saberes escolares.

Capítulo 1

Orientações curriculares para o Estudo do Meio

Consciente de que existem diversas noções de currículo, entendemo-lo no presente trabalho como um conjunto de orientações estabelecidas pela tutela para a prática docente, as quais serão trabalhadas pelos professores quando, individualmente ou em equipa, planificam, desenvolvem e avaliam o processo de ensino-aprendizagem.

Neste primeiro capítulo, faremos uma breve referência às orientações curriculares respeitantes ao ensino do Estudo do Meio do 1.º Ciclo do Ensino Básico, as quais se dispersam por diversos documentos normativos-legais, curriculares e programáticos. É nosso propósito verificar se as orientações tutelares preconizam, coerente e consistentemente, uma prática pedagógica assente na contextualização das aprendizagens.

1.1. Legislação sobre a área disciplinar do Estudo do Meio

Na Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/1986, 14 de Outubro, revista, republicada e renumerada, versão n.º 49/2005, 30 de Agosto), o Ensino Básico é definido como a etapa de escolaridade que permite concretizar o princípio democrático de preparação de todos os alunos para uma intervenção útil e responsável na sociedade. No seu Artigo 7.º, esta Lei explicita um conjunto de objectivos gerais dos quais destacamos, no quadro que se segue, os que se nos afiguram ser mais relevantes para o Estudo do Meio (cf. Quadro 1).

Quadro 1

Destaque dos objectivos gerais do Ensino Básico mais relevantes para o Estudo do Meio.

(In *Lei de Bases do Sistema Educativo, 1986/2005*)

- b) Assegurar que, nesta formação, sejam equilibradamente inter-relacionados o saber e o saber-fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano.
- e) Proporcionar a aquisição dos conhecimentos basilares que permitam o prosseguimento de estudos ou a inserção do aluno em esquemas de formação profissional, bem como facilitar a aquisição e o desenvolvimento de métodos e instrumentos de trabalho pessoal e em grupo, valorizando a dimensão humana do trabalho;
- g) Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas;
- h) Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio-afectiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante;
- j) Assegurar às crianças com necessidades educativas específicas, devidas, designadamente, a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades;
- l) Fomentar o gosto por uma constante actualização de conhecimentos;
- m) Participar no processo de informação e orientação educacionais em colaboração com as famílias;

Lei de Bases do Sistema Educativo, 1986/2005, Artigo 7.º.

Das alíneas seleccionadas parece-nos subentender uma orientação preconizadora de aprendizagens contextualizadas; neste sentido, “uma formação que inter-relaciona equilibradamente o saber e o saber-fazer” e o apelo a uma formação escolar que favoreça nos alunos experiências criadoras de “hábitos positivos de intervenção na realidade circundante” pressupõem que a escola insira no seu ensino a actualização de assuntos relacionados com a vida da comunidade para que os alunos inter-relacionem o saber escolar com o saber prático e quotidiano dela decorrentes.

Ao favorecer a “maturidade cívica e sócio-afectiva”, a escola chama a si a função de representar as relações sociais e laborais e presume que a aquisição de saberes só se realiza pela participação do aluno em situações de experiências específicas relativas ao seu contexto sócio-cultural. Partilha-se assim de uma visão que entende que os conhecimentos escolares não devem isolar o aprendiz da sua comunidade e que aqueles apenas ganham sentido quando integrados e por referência à realidade social do sujeito envolvido emocionalmente nela.

Parece, pois, haver uma tendência pedagógica que privilegiando a inter-acção com todo o “meio circundante” do aluno decide-se pela contextualização do saber esco-

lar a adquirir nos conhecimentos quotidianos ou seja pela contextualização da “cultura escolar na cultura do quotidiano” (LBSE:1986/2005).

Passamos a analisar o Decreto-Lei 6/2001, de 18 de Janeiro, que legitima a reorganização curricular do Ensino Básico e define os “princípios orientadores” que devem reger a organização e gestão do currículo no sentido de promover “aprendizagens significativas e a formação integral dos alunos através da articulação e da contextualização dos saberes”.

Nos seus princípios orientadores, mais precisamente no artigo 3.º alínea c), este documento reafirma que em todas as áreas curriculares (disciplinares e não disciplinares) devem ser realizadas “aprendizagens significativas” com o objectivo de atingir a “formação integral dos alunos, através da articulação e da contextualização de saberes.”(DL: 6/2001).

Concluimos que não existem propriamente documentos normativo-legais para o Estudo do Meio. Porém, da análise dos dois documentos acima citados, é possível verificar que os princípios orientadores promovem a formação integral do aluno através da articulação dos saberes pessoais, que os integram no seu meio sócio – cultural, e os saberes formais.

O passo seguinte é verificar se e como esta directriz é retomada nos documentos curriculares e programáticos e, em sequência, se ela é orientadora da prática pedagógica do professor, quer na planificação dos processos de ensino quer nas situações de ensino-aprendizagem em sala de aula.

1.2. Documentos curriculares e programáticos

A entrada em vigor do Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de Janeiro, que estabelece os princípios orientadores da Organização e Gestão Curriculares do Ensino Básico, obrigou à revisão do documento Organização Curricular e Programas. Ensino Básico - 1.º Ciclo. Na versão posterior deste documento, datada de Janeiro de 2004, destacamos os aspectos para a área de Estudo do Meio que consideramos importantes:

No seu ponto 1 - *Objectivos Gerais do Ensino Básico*, da parte designada por *Organização Curricular do Ensino Básico*, retomam-se os objectivos do ensino básico

fixados nos artigos 7.º e 8.º da Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986, a que já nos referimos.

No ponto 2, *Estrutura Curricular do Ensino Básico*, são definidos os princípios orientadores de organização e gestão do currículo de acordo com o artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 6/2001, que antes abordámos, nos quais se sublinha que a “a realização de aprendizagens significativas e a formação integral dos alunos” deverá realizar-se através da articulação e da contextualização dos saberes.

No ponto *Princípios Orientadores da Acção Pedagógica* é revelado que o desenvolvimento da educação escolar ao longo do 1.º Ciclo se faz pela realização de experiências que ofereçam ao aluno “aprendizagens activas e significativas, diversificadas, integradas e socializadoras” como garante efectivo do direito de cada discente ao sucesso escolar.

Esclarece-se complementarmente que as aprendizagens activas são aquelas que oferecem ao aluno a “oportunidade de viver situações estimulantes de trabalho escolar que vão da actividade física e da manipulação dos objectos e meios didácticos, à descoberta permanente de novos percursos e de outros saberes. Tal desafio aponta para concepções alternativas que mobilizem a inteligência para projectos decorrentes do quotidiano dos alunos e das actividades exploratórias que lhes deverão ser proporcionadas sistematicamente” (Organização Curricular e Programas, 2004: 23).

É sobretudo na referência ao “quotidiano dos alunos” que a contextualização aparece inequivocamente como o princípio orientador das práticas pedagógicas. Esta directriz é reforçada na definição subsequente de aprendizagens significativas como sendo aquelas que se relacionam “com as vivências efectivamente realizadas pelos alunos fora ou dentro da escola e que decorrem da sua história pessoal ou que a ela se ligam.” (Organização Curricular e Programas, 2004: 23). Para além disto, são ainda significativos “os saberes que correspondem a interesses e necessidades reais de cada criança.” pressupondo “que a cultura de origem de cada aluno é determinante para que os conteúdos programáticos possam gerar novas significações.” (Organização Curricular e Programas, 2004: 23).

No ponto 4 do documento em que nos centramos, designado de *Componentes dos Domínios Disciplinares*, são apresentados os programas de todas as áreas, respectivamente subdivididos em *Princípios Orientadores*, *Objectivos Gerais* e *Blocos de Conteúdos*.

Nos *Princípios Orientadores* do programa de Estudo do Meio, refere-se que “todas as crianças possuem um conjunto de experiências e saberes que foram acumulando ao longo da sua vida, no contacto com o meio que as rodeia” (Organização Curricular e Programas, 2004: 101). Será função da escola “valorizar, reforçar, ampliar e iniciar a sistematização das experiências e saberes dos alunos, de modo a permitir-lhes ao realização de aprendizagens posteriores mais complexas” (Organização Curricular e Programas, 2004: 101). “O meio local, espaço vivido, deverá ser o objecto privilegiado para uma primeira aprendizagem metódica e sistemática por parte da criança já que, nestas idades, o pensamento está voltado para a aprendizagem concreta” (Organização Curricular e Programas, 2004: 101). Cabe, pois, à escola convocar as experiências de cada criança, feitas em situações particulares e subjectivas, para o contexto de sala de aula.

De acordo com esta concepção, estabelecem-se no documento, objectivos gerais para as diversas áreas disciplinares (cf. Quadro 2).

Quadro 2

Objectivos gerais do 1.º Ciclo do Ensino Básico
(in *Organização Curricular e Programas – 1.º Ciclo*, 2004: 13)

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none">- Criar as condições para o desenvolvimento global e harmonioso da personalidade, mediante a descoberta progressiva de interesses, aptidões e capacidades que proporcionem uma formação pessoal, na sua dupla dimensão individual e social.- Proporcionar a aquisição e domínio de saberes, instrumentos, capacidades, atitudes e valores indispensáveis a uma escolha esclarecida das vias escolares ou profissionais subsequentes.- Desenvolver valores, atitudes e práticas que contribuam para a formação de cidadãos conscientes e participativos numa sociedade democrática. |
|--|

Estes objectivos são especificados noutros, dos quais destacamos apenas os que estão directamente relacionados com a área de Estudo do Meio e que concernem os aspectos de dimensão pessoal, de aquisição intelectual e de cidadania (cf. Quadro 3).

Quadro 3

Dimensões dos objectivos gerais do Ensino Básico e sua especificação
(In *Organização Curricular e Programas. Ensino Básico 1º Ciclo*, 2004: 15 e 16)

Dimensões	Especificação
Pessoal	<ul style="list-style-type: none"> - Promover a criação de situações que favoreçam o conhecimento de si próprio e um relacionamento positivo com os outros no apreço pelos valores da justiça, da verdade e da solidariedade.
Aquisição Intelectual	<ul style="list-style-type: none"> - Garantir a aquisição e estruturação de conhecimentos básicos sobre a natureza, a sociedade e a cultura e desenvolver a interpretação e a análise crítica dos fenómenos naturais, sociais e culturais. - Possibilitar: o desenvolvimento de capacidades próprias para a execução de actos motores exigidos no quotidiano, nos tempos livres e no trabalho; a organização dos gestos segundo o estilo mais conveniente a cada personalidade. - Fomentar o desenvolvimento de aptidões técnicas e manuais na solução de problemas práticos e/ou na produção de obras úteis/estéticas. - Estimular a iniciação ao conhecimento tecnológico e de ambientes próprios do mundo do trabalho. - Incentivar a aquisição de competências para seleccionar, interpretar e organizar a informação que lhe é fornecida ou de que necessita. - Favorecer o reconhecimento do valor das conquistas técnicas e científicas do Homem. - Promover a informação e orientação escolar e profissional, em colaboração com as famílias.
Cidadania	<ul style="list-style-type: none"> - Estimular a criação de atitudes e hábitos positivos de relação que favoreçam a maturidade sócio-afectiva e cívica, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante. - Assegurar, em colaboração com as entidades adequadas e designadamente as famílias, a criação de condições próprias: ao conhecimento e aquisição progressiva das regras básicas de higiene pessoal e colectiva; a uma informação correcta e ao desenvolvimento de valores e atitudes positivas em relação à sexualidade. - Estimular a prática de uma nova aprendizagem das inter-relações do indivíduo com o ambiente, geradora de uma responsabilização individual e colectiva na solução dos problemas ambientais existentes e na prevenção de outros. - Criar as condições que permitam a assunção esclarecida e responsável dos papéis de consumidor e/ou de produtor. - Garantir a informação adequada à compreensão do significado e das implicações do nosso relacionamento com outros espaços socioculturais e económicos e suscitar uma atitude responsável, solidária e participativa. - Fomentar a existência de uma consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspectiva de humanismo universalista, de solidariedade e de compreensão internacionais.

Da leitura atenta do documento em causa sobressaem, principalmente, as referências aos conhecimentos tecnológicos, à produção de obras úteis, à aquisição de conhecimentos sobre a natureza e ao desenvolvimento de capacidades para execução de actos do quotidiano. Uma tal listagem indica uma orientação curricular assente na prática da

vida quotidiana, ao mesmo tempo que preconiza manter as aprendizagens interligadas aos usos a que se destinam e os conhecimentos inseridos nos contextos que os produzem.

Mas são os *Blocos de Conteúdos* que sistematizam os temas objecto de ensino e de aprendizagem, os quais são retomados em cada ano de escolaridade com um aprofundamento crescente. São eles: *À descoberta de si mesmo*; *À descoberta dos outros e das instituições*; *À descoberta do ambiente natural*; *À descoberta das inter-relações entre espaços*; *À descoberta dos materiais e objectos*; *À descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade*.

Abaixo apresentamos esses blocos, limitando-nos, para tanto, a seguir a ordem do dito documento.

No bloco *À descoberta de si mesmo* insiste-se que os alunos devem conseguir estruturar o conhecimento de si próprios para concomitantemente desenvolver “atitudes de auto-estima, de auto-confiança e de valorização” das suas identidades e raízes. Para que adquiram a noção de tempo partir-se-á do estudo da sua história pessoal iniciando-se “a localização de acontecimentos da vida das crianças numa linha de tempo.” Esta linha temporal terá a mesma função “dos mapas para as localizações no espaço.” É ainda de realçar que todos os “aspectos que, de algum modo, se relacionem com a vida privada dos alunos” devem ser tratados como todo o cuidado e o bom senso (Organização Curricular e Programas, 2004: 105) (cf. Quadro 4).

Quadro 4

Programa resumido do 1.º Bloco da área curricular do Estudo do Meio
(In *Organização Curricular e Programas. Ensino Básico - 1º Ciclo*, 2004: 105)

1.º ANO	2.º ANO
1. Identificação do aluno	1. O seu passado mais longínquo
2. Gostos e preferências do aluno	2. As perspectivas da criança para um futuro mais longínquo
3. Corpo do aluno	3. O seu corpo
4. A saúde do seu corpo	4. A saúde do seu corpo
5. A segurança do seu corpo	5. A segurança do seu corpo
6. O seu passado próximo	
7. As suas perspectivas para o futuro próximo	

3.º ANO	4.º ANO
1. A naturalidade e nacionalidade da criança	1. O seu corpo
2. O seu corpo	2. A segurança do seu corpo
3. A saúde do seu corpo	
4. A segurança do seu corpo	

Com o bloco *À descoberta dos outros e das instituições* pretende-se alargar o âmbito de estudos da criança aos outros, num arco que se inicia com as pessoas que lhe estão afectivamente mais próximas para, progressivamente, chegar aos que lhe estão mais distantes no tempo e no espaço. Os alunos serão iniciados “no modo de funcionamento e nas regras dos grupos sociais”; na abordagem à existência de diferentes grupos sociais, os alunos serão simultaneamente guiados pelo princípio de desenvolver atitudes e valores tais como “a responsabilidade, tolerância, solidariedade, cooperação, respeito pelas diferenças, comportamentos não sexistas, etc.” (Organização Curricular e Programas, 2004: 110).

A escola surge como o lugar privilegiado para a aprendizagem do modo de viver em sociedade através da participação, directa e gradual, de cada aluno na organização da vida da classe e da escola para que desta forma cada um vá conhecendo e interiorizando “os valores democráticos e de cidadania” (Organização Curricular e Programas, 2004: 110).

Embora as noções temporais percorram todo o programa, neste bloco agrupam-se fundamentalmente os conteúdos referentes ao tempo histórico, pessoal e social. É de salientar que a história familiar da criança é o ponto de partida para que ela aceda ao conhecimento da história da comunidade local e das suas ligações à história nacional. Os alunos e o professor construirão linhas de tempo nas quais os factos da história familiar do aluno deverão ser assinalados. No que se refere à história local e nacional, os registos serão efectuados num friso cronológico da História de Portugal.

Pretende-se que os alunos adquiram “atitudes de respeito pelo património histórico, sua conservação e valorização” (Organização Curricular e Programas, 2004: 110). Para tal, há que levar os alunos a descobrir e a reconhecer os diversos vestígios humanos de outras épocas (sejam eles monumentos, fotografias, documentos escritos, tradições, etc.) também como fontes de informação que podem utilizar, de uma forma elementar, para reconstituir o passado (cf. Quadro 5).

Quadro 5

Programa resumido do 2.º Bloco da área curricular do Estudo do Meio
(In *Organização Curricular e Programas. Ensino Básico - 1.º Ciclo*, 2004:110)

1.º ANO	2.º ANO
1. Os membros da sua família	1. O passado próximo familiar
2. Outras pessoas com quem a criança mantém relações próximas	2. A vida em sociedade
3. A escola	3. Modos de vida e funções de alguns membros da comunidade
	4. Instituições e serviços existentes na comunidade

3.º ANO	4.º ANO
1. Os membros da sua família	1. O passado do meio local
2. O passado familiar mais longínquo	2. O passado nacional
3. O passado do meio local	3. Reconhecer símbolos nacionais
4. Conhecer costumes e tradições de outros povos	
5. Reconhecer símbolos locais (bandeiras e brasões)	
6. Conhecer símbolos regionais (bandeiras e hinos regionais)	
7. Outras culturas da sua comunidade	

O bloco *À descoberta do ambiente natural* “compreende os conteúdos relacionados com os elementos básicos do meio físico (o ar, a água, as rochas, o solo), os seres vivos que nele vivem, o clima, o relevo e os astros.” O objectivo é estimular a curiosidade infantil pelos fenómenos naturais e encorajar os alunos a encontrarem as respostas às suas perguntas “através de experiências e pesquisas simples”. Devem usar-se os métodos de observação directa, a recolha de amostras não danosas para o ambiente e a experimentação. Deseja-se que os alunos utilizem em situações concretas “instrumentos de observação e medida como, por exemplo, o termómetro, a bússola, a lupa, os binóculos...” e é importante que desde o início se habituem a registar as suas observações. No geral, o professor “deve fomentar nos alunos atitudes de respeito pela vida e pela Natureza, assim como sensibilizá-los para os aspectos estéticos do ambiente” (Organização Curricular e Programas, 2004: 115) (cf. Quadro 6).

Quadro 6

Programa resumido do 3.º Bloco da área curricular do Estudo do Meio
(In *Organização Curricular e Programas. Ensino Básico- 1º Ciclo*, 2004: 115)

1.º ANO	2.º ANO
1. Os seres vivos do seu ambiente	1. Os seres vivos do seu ambiente
2. Os aspectos físicos do meio local	2. Os aspectos físicos do meio local
3. Identificar cores, sons e cheiros da natureza	3. Conhecer aspectos físicos e seres vivos de outras regiões ou países

3.º ANO	4.º ANO
1. Os seres vivos do ambiente próximo	1. Aspectos físicos do meio
2. Aspectos físicos do meio local	2. Os astros
3. Os astros	3. Aspectos físicos de Portugal

Embora presentes ao longo de todo o programa, é no bloco *À descoberta das inter-relações entre espaços* que se agrupam as referências espaciais. Desde o começo da escolaridade o professor deverá programar actividades que objectivem e alarguem as noções de temporalidade e localizar no espaço qualquer facto estudado.

As noções de espaço constroem-se pela acumulação de experiências práticas em todas as situações que envolvam deslocações, localizações e distâncias. Ao longo da sua vida e através das relações que estabeleceu com o mundo à sua volta, a criança foi adquirindo uma percepção subjectiva do espaço e pode, por associação, comparação e com base no conhecimento que foi interiorizando dos espaços familiares, compreender espaços mais longínquos.

Para a formação deste conhecimento é importante que os "alunos representem os espaços que conhecem ou os vão explorando através de desenhos, plantas, maquetas, traçando itinerários ..." e que progressivamente se habituem a usar "diferentes tipos de plantas e mapas convencionais." Realça-se que os alunos deverão consciencializar a não existência de espaços isolados e as ligações e fluxos de vária ordem que se estabelecem desde "a circulação de pessoas e bens à troca de ideias e informação" (Organização Curricular e Programas, 2004: 119) (cf. Quadro 7).

Quadro 7

Programa resumido do 4.º Bloco da área curricular do Estudo do Meio
(In *Organização Curricular e Programas. Ensino Básico – 1.º Ciclo*, 2004: 119)

1.º ANO	2.º ANO
1. A casa	1. Os seus itinerários
2. O espaço da sua escola	2. Os meios de comunicação
3. Os seus itinerários	
4. Localizar espaços em relação a um ponto de referência	
3.º ANO	4.º ANO
1. Os seus itinerários	1. O contacto entre a terra e o mar
2. Localizar espaços em relação a um ponto de referência	2. Os aglomerados populacionais
3. Os diferentes espaços do seu bairro ou da sua localidade	3. Portugal na Europa e no mundo
4. Deslocações dos seres vivos	
5. O comércio local	
6. Meios de comunicação	

Apesar da atitude experimental dever estar sempre presente na abordagem aos conteúdos de todos os blocos, pretende-se no bloco *À descoberta dos materiais e objectos* que os alunos desenvolvam uma atitude de permanente experimentação, com todas

as suas implicações, praticando a metodologia da “observação, introdução de modificações, apreciação dos efeitos e resultados, conclusões” através do uso de todos os sentidos (Organização Curricular e Programas, 2004: 123).

“A exploração de materiais de uso corrente deverá assentar essencialmente na observação das suas propriedades e em experiências elementares que as destaquem. Neste bloco conceder-se-á particular atenção à manipulação de objectos e de instrumentos assim como os cuidados a ter na sua utilização e conservação. A valorização do trabalho manual é ainda um aspecto fulcral deste bloco” (Organização Curricular e Programas, 2004: 123). Os registos feitos sobre as experiências realizadas devem ser adequados à idade dos alunos e servir para comunicar as descobertas (cf. Quadro 8).

Quadro 8

Programa resumido do 5.º Bloco da área curricular do Estudo do Meio
(In *Organização Curricular e Programas. Ensino Básico – 1.º Ciclo*, 2004: 113)

1.º ANO	2.º ANO
1. Realizar experiências com alguns materiais e objectos de uso corrente	1. Realizar experiências com alguns materiais e objectos de uso corrente
2. Realizar experiências com a água	2. Realizar experiências com o ar
3. Realizar experiências com o som	3. Manusear objectos em situações concretas
4. Manusear objectos em situações concretas	

3.º ANO	4.º ANO
1. Realizar experiências com a luz	1. Realizar experiências com alguns materiais e objectos de uso corrente
2. Realizar experiências com ímanes	2. Realizar experiências com a água
3. Realizar experiências de mecânica	3. Realizar experiências com a electricidade
4. Manusear objectos em situações concretas	4. Realizar experiências com o ar
	5. Realizar experiências com o som
	6. Manusear objectos em situações concretas

O bloco *À descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade* visa que os alunos consciencializem que há marcas e alterações na Natureza produzidas pela actividade humana e que são positivas “quando o Homem, através da ciência e da técnica, consegue superar obstáculos e adversidades naturais” (Organização Curricular e Programas, 2004: 127); podem, porém, ser negativas, quando produzem desequilíbrios tendentes ao esgotamento de recursos, à extinção de espécies e à destruição do ambiente.

Intenta-se a promoção de atitudes relacionadas com a conservação e melhoria do ambiente, o uso racional dos recursos naturais, assim como uma participação esclarecida e activa na resolução de problemas ambientais. Devido à complexidade do estudo das actividades económicas, este deve relacionar-se com a realidade próxima dos alunos

partindo sempre da observação directa com recolha de informação através de entrevistas, recolha de imagens, etc, (cf. Quadro 9).

Quadro 9

Programa resumido do 6.º Bloco da área curricular do Estudo do Meio
(In *Organização Curricular e Programas. Ensino Básico 1.º Ciclo*, 2004: 127)

3.º ANO	4.º ANO
1. A agricultura do meio local	1. Principais actividades produtivas nacionais
2. A criação de gado no meio local	2. A qualidade do ambiente
3. A exploração florestal do meio local	
4. A actividade piscatória no meio local	
5. A exploração mineral do meio local	
6. A indústria do meio local	
7. O turismo no meio local	
8. As construções do meio local	
9. Investigar sobre as construções de outras regiões ou países	

Da transcrição parcial e da análise dos blocos de conteúdos da área curricular do Estudo do Meio para os quatro anos de escolaridade, percebe-se uma forte tendência, sobretudo nos dois primeiros anos, para contextualizar a aprendizagem na realidade e nas experiências do aluno.

Os blocos programáticos para o 1.º e 2.º anos incidem predominantemente em temas da esfera da vida privada e íntima do aluno, tais como o seu corpo, a sua saúde, os seus gostos e preferências, a família, os amigos, o seu passado e a esfera de vida pública e física que o rodeia. Já os blocos para os 3.º e 4.º anos apelam ao conhecimento de paisagens e realidades mais distante aos alunos, por exemplo, outras regiões ou países. Isto não exclui, porém, a contextualização das aprendizagens na vida pública local, tal como a investigação sobre o turismo e outras actividades económicas.

Ora, de acordo com investigações no âmbito da psicologia cognitiva referidas por Festas (no prelo) pode afirmar-se que uma prática pedagógica que apela para que o aluno descubra a solução de tarefas partindo de situações complexas, como o são aquelas adquiridas nas vivências fora do ensino formal, não favorece a aprendizagem. Aprende-se melhor do simples para o complexo e em pequenas unidades estruturadas que têm de ser exercitadas e automatizadas para que, posteriormente, possam ser recuperadas da memória a longo prazo e operacionalizadas, ou seja aplicadas quer na resolução de novas tarefas quer no alargamento do conhecimento.

Além disso, os alunos que mais dificuldades revelam na aprendizagem são prejudicados com tal procedimento pedagógico, pois que dominam mais dificilmente a resolução de problemas e de tarefas complexas. De acordo com Festas (no prelo), este posicionamento contradiria os princípios democráticos do Ensino Básico, de preparação de todos os alunos para uma participação útil e responsável na sociedade. Parece pois que as orientações normativo-legais e as resultantes instruções curriculares e programáticas, ao preconizarem um ensino contextualizado, não atendem aos conhecimentos actuais sobre os processos de aprendizagem.

Capítulo 2

Os manuais escolares no ensino

Uma vez apresentadas as orientações normativo-legais, curriculares e programáticas que deverão orientar o ensino na área curricular disciplinar de Estudo do Meio e focada a atenção na estratégia de contextualização das aprendizagens presente nesses documentos, prosseguimos agora a nossa reflexão sobre os manuais escolares, considerados por diversos autores (por exemplo, Brito, 1999; Choppin, 1992; Gérard & Roegiers, 1998; Planchard, 1961) como documentos curriculares ou como documentos que operacionalizam o macro-currículo.

2.1. Orientações da tutela relativas aos manuais escolares

A legislação sobre a política dos manuais escolares portugueses resulta do Decreto-Lei n.º 369/90, de 26 de Novembro, que define o manual escolar como:

“o instrumento de trabalho, impresso, estruturado e dirigido ao aluno, que visa contribuir para o desenvolvimento de capacidades, para a mudança de atitudes e para a aquisição dos conhecimentos propostos nos programas em vigor, apresentando a informação básica correspondente às rubricas programáticas, podendo ainda conter elementos para o desenvolvimento de actividades de aplicação e avaliação da aprendizagem efectuada.” (artigo 2.º)

A Lei de Bases do Sistema Educativo no n.º 1 do artigo 44.º, alínea 2, aponta para a importância dos manuais escolares no processo de ensino-aprendizagem, como “recursos educativos privilegiados, a exigirem especial atenção” sendo que, recursos educativos são “todos os materiais utilizados para conveniente realização da actividade educativa.”

Consultando a página da *Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular*, verificamos que existem vários diplomas desde o ano de 2006. Incidiremos a nossa atenção nos seguintes documentos:

A Lei n.º 47/2006, de 28 de Agosto, prevê a avaliação e a certificação dos *manuais* escolares, pretendendo-se assim garantir a qualidade científica e pedagógica dos mesmos, assegurar a sua conformidade com os objectivos e conteúdos do currículo

nacional e dos programas ou orientações curriculares em vigor, e atestar que constituem um instrumento adequado de apoio ao ensino e aprendizagem e à promoção do sucesso educativo. Neste documento, o manual é definido na alínea b) do artigo 3.º, como:

“o recurso didáctico-pedagógico relevante, ainda que não exclusivo, do processo de ensino e aprendizagem, concebido por ano ou ciclo, de apoio ao trabalho autónomo do aluno que visa contribuir para o desenvolvimento das competências e das aprendizagens definidas no currículo nacional para o ensino básico e para o ensino secundário, apresentando informação correspondente aos conteúdos nucleares dos programas em vigor, bem como propostas de actividades didácticas e de avaliação das aprendizagens, podendo incluir orientações de trabalho para o professor”.

A Lei acima citada e o Decreto-Lei n.º 261/2007, de 17 de Julho, implicam a adopção de metodologias com vista a operacionalizar e executar o processo de avaliação e certificação de manuais escolares. A mesma Lei “definiu os princípios orientadores e os parâmetros normativos no sentido de garantir a conformidade dos manuais escolares com os objectivos e conteúdos dos programas ou orientações curriculares...” Aqui se reconhece explicitamente a importância do manual, ao referir-se que estes “continuam a ser na prática instituída um instrumento fundamental do ensino e da aprendizagem”.

Nos termos do n.º 7 e do artigo 9.º da Lei n.º 47/2006, de 28 de Agosto, – e em conformidade com o disposto anteriormente - está previsto que a avaliação para a certificação de manuais escolares possa ser realizada não apenas por comissões de avaliação, mas, também, por entidades devidamente acreditadas para o efeito.

Deste modo, o Decreto-Lei n.º 261/2007, de 17 de Julho, que regulamenta a Lei n.º 47/2006, de 28 de Agosto, estabelece nos artigos 8.º e 9.º as normas gerais a que deve obedecer a acreditação de entidades, assim como o procedimento de avaliação para certificação.

O Despacho n.º 29864/2007, de 30 de Novembro, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 249, de 27 de Dezembro, alterado pelo Despacho n.º 15285-A/2010, de 7 de Outubro, publicado no Suplemento do Diário da República, 2.ª Série, n.º 196, de 8 de Outubro, regulamenta os procedimentos de acreditação de entidades para avaliação e certificação. A comissão de avaliação procede à certificação dos manuais e a divulgação do resultado é da responsabilidade da tutela. O papel dos docentes e das escolas na escolha dos manuais está assim balizado pela sua certificação, e o Estado assegura “que nenhum manual desadequado ao currículo ou aos programas em vigor ou com erros ou deficiências seja instrumento da aprendizagem dos alunos”.

No Anexo ao despacho de 2010 especificam-se os critérios de qualidade pedagógica e didáctica que o manual certificado deve satisfazer para que, sobretudo os manuais de Estudo do Meio, possam “promover as aprendizagens com base na resolução de problemas e de carácter experimental [...] e nos termos dos programas e das orientações curriculares em vigor”.

No Parecer n.º 8/2011, referindo-se um estudo efectuado pelo *Observatório de Recursos Educativos*, reconhece-se o valor social e cultural do manual escolar quando, no ponto 5.2, se afirma que este constitui frequentemente “o único acervo bibliográfico disponível nos lares dos alunos”.

2.2. Os manuais escolares como objecto de estudo

Jorge (2003: 35) sublinha que o professor, em vez de estar condicionado pelo manual, deve decidir o seu trabalho com base no programa da disciplina, gerindo e desenvolvendo as estratégias de ensino de acordo com “as suas próprias opções, com as lições colhidas na sua experiência e com o acréscimo de formação que, continuamente, terá obtido”.

Porém, consideram diversos autores que não é o programa que mais determina a prática lectiva mas sim os manuais, que representam o recurso de ensino mais utilizado (Tormenta, 1996) sendo essencial ao estudo dos alunos (Choppin, 1992; Jorge, 2003), (Castro, 1999, Gérard & Roegiers, 1998, Tormenta, 1996).

Stinner (1992) e Duarte (1999) salientam que o manual constitui um dos recursos educativos mais utilizados pelos professores, substituindo por vezes o próprio programa na orientação das práticas pedagógicas (Brito, 1999). A sua posição é essencial e central, quer na sala de aula quer fora dela (Gérard & Roegiers, 1998), e apesar do incremento do uso dos meios informáticos, o manual reafirma-se como um meio privilegiado de aprendizagem.

Parece, pois, que os manuais escolares desempenham um papel fundamental no contexto escolar, por isso, torna-se por isso pertinente a problematização da sua concepção, avaliação e selecção, em função de pré-requisitos pedagógica e didacticamente bem fundamentados.

Os manuais devem dar resposta a diferentes necessidades. Além de transmitirem os conteúdos temáticos, deseja-se que promovam a aquisição de métodos e hábitos de

trabalho e de atitudes de aprendizagem por parte do aluno, o desafiem, motivem, apoiem e lhe permitam auto-avaliar-se no processo de consolidação de novos saberes. Para Brito (1999), tais recursos configuram as práticas pedagógicas, uma vez que “fornecem elementos de leitura e descodificação do real, esclarecem objectivos de aprendizagem e transmitem valores”, sendo incentivadores do “desenvolvimento ou desinteresse” dos alunos (Brito, 1999: 139 e 145).

Uma ideia que se associa actualmente ao manual escolar é a sua complexidade, característica adquirida ao longo do tempo. Choppin (1992: 8) refere que, por tradição, o manual correspondia à apresentação organizada de um conjunto de saberes estereotipados, porém, que hoje se tornou numa “ferramenta polifónica”, dela se esperando que promova a heterogeneidade de saberes, integre o recurso a diferentes meios de comunicação, leve à apropriação de métodos transferíveis para novas situações e permita avaliar a aquisição de conhecimentos.

Castro confirma que os manuais escolares são dispositivos pedagógicos, cuja crescente e particular “complexificação estaria associada, entre outros factores, à generalização progressiva da escola de massas” (Castro, 1999: 189 e 191).

O manual escolar, na sua concepção e elaboração, sendo destinado ao aluno, revela-se um instrumento de trabalho essencial para o professor, com grande poder de influência no “como” e no “que” ensinar (Castro, 1999; Gérard & Roegiers, 1998). Se o manual serve de guia para o discente, informando, estruturando e organizando a aprendizagem, também é a partir dele que o “professor planifica as suas aulas e organiza as actividades dos alunos” (Tormenta, 1996: 11).

Uma utilização tão significativa do manual tem a ver com a facilidade de uso que apresenta, pelo facto de estar “sempre à mão”; porém, encerra um conjunto de razões que podem demonstrar, por um lado, a falta de profissionalização do professor e uma certa incapacidade de decisão quanto às opções metodológicas a tomar, dado que muitos docentes não se sentem capazes de produzir outros recursos para utilização nas práticas pedagógicas (Gimeno, 1991).

Actualmente, como refere Tormenta (1996), o manual apresenta-se como um auxiliar precioso no quotidiano educativo, para alunos e professores, aceite por todos, desempenhando o papel de descodificador e de transmissor dos objectivos de ensino e orientações da tutela, uma vez que é o mediador mais prático e acessível quer na planificação quer na concretização das aulas.

O manual assume, por isso, um estatuto paradoxal. É bem de consumo, produto de uma empresa que faz valer o seu poder económico e as suas estratégias de marketing para induzir os professores a seleccionar o meio de instrução privilegiado que é o manual escolar. Para tanto, ignora, não poucas vezes, tanto os interesses dos docentes, como dos alunos e dos encarregados de educação (Gérard & Roegiers, 1998). Contudo os professores não deixam de o encarar como um instrumento central e decisivo para o projectar das actividades pedagógicas que eles desenvolvem e gerem.

De acordo com Figueiroa (2003), o manual sugere práticas pedagógicas a que não são alheias teorias de aprendizagem nem tendências dominantes no ensino, sendo estas apresentadas de uma forma “demasiado silenciosa” (Brito, 1999: 139).

Referimos na introdução do presente trabalho que a metodologia da contextualização valoriza os conhecimentos particulares, concretos e subjectivos sobre os conhecimentos mais gerais, abstractos e objectivos. Ora, vimos também que os manuais escolares são um instrumento determinante para o professor na sua tarefa docente, como organizador e gestor dos processos de ensino e de aprendizagem.

Concomitantemente temos vindo a constatar, ao longo da nossa carreira docente de mais de 20 anos, que os manuais escolares são o meio de trabalho preferido pela grande maioria dos professores que temos conhecido e com quem temos trabalhado em sala de aula ou no agrupamento, abrangendo esta afirmação também a área curricular disciplinar de Estudo do Meio. Deste enquadramento subjectivo, despontou a nossa curiosidade em apurar qual o tipo de contextualização de conteúdos e actividades presente nos manuais escolares mais usados para o Estudo do Meio nos quais o reforço a esta prática sempre nos pareceu muito incidente.

Para atingirmos este propósito, necessitámos previamente de definir o conceito de contextualização, de sistematizar e de categorizar as suas diferentes manifestações nos manuais escolares concretamente nos que se destinam ao Estudo do Meio. A esta tarefa nos dedicaremos no capítulo posterior.

Capítulo 3

Estudos empíricos

Como referimos no capítulo anterior, o manual escolar operacionaliza as directrizes curriculares e programáticas para uma determinada área, ciclo e/ou ano de ensino. Nele se encontram tratados os conteúdos a serem adquiridos pelos alunos, explicitados os objectivos de aprendizagem e as actividades que permitirão concretizá-los.

O presente trabalho partiu da nossa constatação que os professores com muita frequência se deixam guiar pelos manuais, utilizando-os como principal documento curricular. Verificámos também em muitas reuniões de agrupamento, por exemplo, em actividades de planificação, uma tendência muito acentuada, por parte dos nossos colegas, para contextualizar as actividades de ensino e de aprendizagem. Foi também por este motivo que decidimos apurar se as orientações normativo-legais, curriculares e programáticas para a área disciplinar do Estudo do Meio preconizam de facto a contextualização das aprendizagens.

Para o caso concreto da área de Estudo do Meio, o Currículo Nacional para o Ensino Básico (2001: 75 e 76) define a contextualização de conhecimentos como todo um conjunto “de percepções, vivências e representações [...] de ideias, preconceitos, [...] disposições emocionais e afectivas e modos de acção próprios” que o aluno traz para a escola. O mesmo documento adianta que devido a este domínio do conhecimento integrar os diversos aspectos da realidade próxima aos discentes e os seus diversos saberes, e ainda, pelo seu carácter representativo quanto aos conteúdos curriculares e às experiências a facultar aos alunos, a progressão das aprendizagens nesta área deverá partir do “subjectivo (o experiencialmente vivido)” tendo em vista atingir o “objectivo (o socialmente partilhado)”.

Segundo Festas (no prelo), entende-se por contextualização o processo pelo qual a aprendizagem se estrutura a partir do contexto social e cultural dos alunos e, ainda, das suas vivências pessoais e familiares; neste processo, os conhecimentos gerais, abstractos e escolares são substituídos por conhecimentos específicos, concretos e subjectivos provenientes da experiência pessoal dos alunos.

Uma vez que a contextualização das actividades de ensino e de aprendizagem abrange o meio social envolvente do aluno, como o evidencia a Organização Curricular e Programas (2004: 103) (família, escola, comunidade e as suas formas de organização e actividades humanas), comparando e relacionando as suas principais características, houve a necessidade de criar, por referência à escola, duas categorias de actividades contextualizadas, as na esfera privada e as na esfera pública do aluno, e uma categoria de actividades não contextualizadas.

À contextualização na categoria da esfera privada pertencem as actividades de aprendizagem que solicitam que os alunos manifestem, na aula perante colegas e professores, pensamentos, sentimentos e experiências do foro pessoal e familiar para que nestes sejam ancorados os conhecimentos escolares a adquirir. Em termos de tarefas pedagógicas a realizar pelos discentes, estas actividades podem convocar o seu quotidiano, os seus tempos livres, os seus gostos e preferências, o seu estado de saúde e o estatuto profissional dos pais.

A contextualização na esfera pública implica que os alunos comuniquem e falem em sala de aula sobre os pensamentos, sentimentos e experiências respeitantes ao que acontece na comunidade social, não familiar, envolvente. Em termos de actividades de ensino e de aprendizagem, estas podem apelar para a descoberta e inquirição do meio físico, histórico, político e cultural limítrofe à sua área residencial e escolar e com a qual o aluno interage.

Uma actividade não contextualizada significa que o saber escolar é adquirido não tendo por referência as experiências pessoais e subjectivas dos alunos, relacionadas com o seu meio familiar ou envolvente.

Aceitando esta conceptualização, o trabalho empírico que desenvolvemos é composto por dois estudos. No primeiro, analisámos doze manuais escolares para a área disciplinar de Estudo do Meio pretendendo verificar se a metodologia da contextualização domina ou não o tratamento dos seus conteúdos temáticos e das respectivas actividades, e, em caso afirmativo, como estas se distribuem pelas duas categorias, nas quais dividimos, as actividades pedagógicas contextualizadas.

No segundo estudo empírico, procurámos esclarecer junto de uma amostra de 20 docentes do ensino básico qual a opinião destes sobre os objectivos das actividades contextualizadas, quais serão os resultados delas em termos de aprendizagens, como as implementar em sala de aula, qual a opinião dos alunos e dos encarregados de educação sobre as mesmas e se os entrevistados as costumam realizar.

3.1. Primeiro Estudo – Estudo dos manuais

Sendo a a redacção dos manuais condicionada pelas orientações curriculares que, como vimos, prescrevem a contextualização das aprendizagens, pretendemos saber em que medida as actividades propostas nos manuais escolares de Estudo do Meio para 1.º Ciclo do Ensino Básico a convocam, e isto segundo a diferenciação que acima estabelecemos.

Objectivo

Este estudo orientou-se pelo objectivo de averiguar se as actividades indicadas nos manuais escolares para o Estudo do Meio se apresentam ou não contextualizadas. E, caso sim, se as mesmas se apresentam contextualizadas na esfera privada ou pública dos alunos.

Corpus

Seleccionámos os doze manuais de Estudo do Meio mais adoptados no ano lectivo de 2010/2011, de diversas editoras e de diferentes autores. Atribuímos a esses manuais a codificação que se segue:

- 1.º ano de escolaridade - manual A₁, manual A₂, manual A₃
- 2.º ano de escolaridade – manual B₁, manual B₂, manual B₃
- 3.º ano de escolaridade – manual C₁, manual C₂, manual C₃
- 4.º ano de escolaridade – manual D₁, manual D₂, manual D₃

Instrumento

Com base na conceptualização e pretendendo concretizar o objectivo atrás definido, construímos uma grelha de registo das actividades presentes nos manuais para identificar o género daquelas: *Grelha de análise dos manuais: Estudo do Meio* (cf. Anexo D). Esta grelha é composta por quatro aspectos: *identificação dos blocos de conteúdos* (apresentados no capítulo 1), *designação da actividade/objectivo*, *descrição da actividade* e *classificação da actividade*.

O registo dos três primeiros aspectos é descritivo e o quarto regista-se por letras:

A - actividades contextualizada na esfera privada;

B - actividades contextualizada na esfera pública;

C - actividades não contextualizada.

Procedimento

Uma vez que na página da *Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular*, do Ministério da Educação, na secção *Manual escolar/Lista de manuais disponíveis*, não foi possível aceder às listas de manuais, dirigimo-nos, através de correio electrónico, às diversas editoras: Areal Editoras, Edições Gailivro, Edições Livro Directo, Edições Nova Gaia, Editora A Educação Nacional, Porto Editora, Santilana-Constância, Texto Editora e Novagaia – para que nos referenciassem os manuais mais adoptados para a área do nosso estudo.

Recolha de dados

Com o auxílio da grelha indicada acima, classificámos as actividades pedagógicas contidas nos manuais seguindo os critérios que definimos sobre contextualização e as suas categorias. Assim de acordo com as Orientações Curriculares e Programas (edição de 2004) e para cada ano de escolaridade, compilámos uma grelha individual subordinada aos subtítulos “Contextualização na esfera privada”, “Contextualização na esfera pública” e “Não contextualização”, na qual registámos na coluna da esquerda os blocos relativos a esse ano de escolaridade e na coluna central os conteúdos respectivos.

Obtivemos assim um documento que nos dá conta das actividades contextualizadas na esfera privada, um segundo no qual estão sistematizadas as actividades contextualizadas na esfera pública e um terceiro documento que nos indica as actividades não contextualizadas, nem na esfera privada nem na esfera pública para a área curricular disciplinar de Estudo do Meio, do 1.º ao 4.º anos de escolaridade (cf. Anexo II).

Resultados e sua análise

Nos quadros 10 a 10b apresentados abaixo, sistematizámos e registámos as actividades contextualizadas na esfera privada do aluno e que são predominantemente as que se relacionam com a sua vida privada, desde sentimentos, história pessoal, estado

de saúde, espaço habitacional e com a sua família. Pertencem a este âmbito os seguintes itens: (1) *A sua identificação*; (2) *Os seus gostos e preferências*; (3) *O meu corpo – A saúde do seu corpo*; (4) *O meu passado próximo*; (5) *Os membros da sua família*; (6) *Outras pessoas com quem mantém relações próximas*; (7) *A sua casa – O espaço da sua escola - Os seus itinerários - Localizar espaços em relação a um ponto de referência*. (Cf. Quadros 10, 10a e 10b).

Como exemplo destas actividades podemos destacar as seguintes: “O que mais gostas de fazer com a tua família; Completar cartão com dados pessoais; Pede informações sobre doenças que tenhas tido; Preenche a tabela com os dados da tua família; Pesquisa os locais mais importantes da tua família; Explica o motivo da importância desses locais para a tua família” (cf. Quadros 10, 10a e 10b).

Quadro 10

Exemplos de actividades contextualizadas na esfera privada referenciados nos manuais em análise

Exemplos de actividades na esfera privada		
Módulos	Designação da Actividade/Objectivo	Descrição da Actividade
À descoberta de si mesmo	A sua identificação	<ul style="list-style-type: none"> - Preenche a tua identificação e morada. - Cola a tua foto ou faz o auto-retrato. - Nome completo do pai. Nome completo da mãe. - Rodeia os apelidos.
	Os seus gostos e preferências	<ul style="list-style-type: none"> - O que mais gostas de fazer com a tua família. - Relatar situação vivida nos tempos livres. - Assinala os teus jogos preferidos. - Assinala os animais que mais gostas. - Rodeia os frutos que mais gostas. - Desenha a tua brincadeira preferida. - Desenha o que mais gostas de fazer nos tempos livres. - Diz quais os objectos que trazes na tua mochila. - O que gostarias de fazer nas férias do Natal? - Que prendas gostarias de receber? - Pensa na tua última refeição. De que alimentos foi composta? Foi uma refeição saudável? - Que meio de transporte utilizas mais, a bicicleta ou o automóvel? - Já fizeste alguma viagem de avião? - Conversa com a família sobre o teu nascimento e regista as respostas.

Quadro 10 a

Exemplos de actividades contextualizadas na esfera privada referenciados nos manuais em análise

Exemplos de actividades na esfera privada		
Módulos	Designação da Actividade/Objectivo	Descrição da Actividade
À descoberta de si mesmo	O meu corpo A saúde do seu corpo	<ul style="list-style-type: none"> - E tu, com quem te pareces? - Assinala as características físicas que te caracterizam. - Desenha-te. - Cola fotografias e completa com os teus dados. - O que mudou no teu corpo. - Consulta o teu boletim de vacinas. - Pede informações sobre doenças que tenhas tido. - Costumas ir ao médico com regularidade? - Escreve o nome dos objectos que usas na tua higiene. - Compara a tua opinião com a dos teus colegas. - Assinala os dias em que cumpres os hábitos de higiene.
	O meu passado próximo	<ul style="list-style-type: none"> - O que fizeste, ontem, antes de te deitares? - Qual é o teu dia da semana favorito? - O que fazes ao longo desse dia? - E tu, onde gostarias de passar férias? - No caderno escreve um pequeno texto sobre o teu fim-de-semana. - Regista na linha de tempo factos da tua família. - Escreve um pequeno texto sobre o que gostarias de fazer nas férias. . - Pinta o que gostarias de fazer nas férias.

Quadro 10 b

Exemplos de actividades contextualizadas na esfera privada referenciados nos manuais em análise

Exemplos de actividades na esfera privada		
Módulos	Designação da Actividade/Objectivo	Descrição da Actividade
À descoberta dos outros e das instituições	Os membros da sua família	<ul style="list-style-type: none"> - Completa com os dados da tua família. - Completa o quadro com datas importantes para a tua família. - Escreve no teu caderno uma história que a tua família conte sobre ti. - Fazer a ligação entre a tarefa e o elemento da sua família. - Desenha a tua árvore genealógica. - Os teus pais casaram na década de... - Pesquisa os locais mais importantes da tua família. - Explica o motivo da importância desses locais para a tua família. - Desenha a festa celebrada, na tua família, que mais gostas - Desenha o que gostas mais de fazer com os teus amigos. - Conversar com os colegas sobre os irmãos. - Dizer qual o vizinho de quem mais gosta e porquê? - Desenhar os amigos e escrever o seu nome. - Qual delas se parece com o lugar onde vives?
À descoberta das inter-relações entre espaços	A casa O espaço da sua escola Localizar espaços em relação a um ponto de referência	<ul style="list-style-type: none"> - Pinta o tipo de casa onde vives. - Conversar sobre os objectos que têm em sua casa. - Desenha a divisão que mais gostas da tua casa. - Assinala os edifícios que há perto da tua casa. - Descreve o caminho que fazes para chegar à escola. - Assinala os edifícios por onde passas. - Representa o teu percurso e locais por onde passas.

Os quadros 11 a 11b registam e sistematizam as actividades contextualizadas na esfera pública dos alunos e que são predominantemente as que actualizam na sala de aula os pensamentos, sentimentos e experiências destes respeitantes ao que acontece na comunidade social, não familiar, envolvente. Em termos de actividades pedagógicas, estas podem apelar para a descoberta e inquirição do meio físico, histórico, político e cultural limítrofe à área residencial e escolar do aluno e com a qual este interage. Pertencem a este âmbito os seguintes itens: (1) *A sua escola*; (2) *O espaço da sua escola*; (3) *A minha naturalidade e nacionalidade*; (4) *Um olhar sobre o país onde vivemos*; (5) *O passado do meio local*; (6) *Aspectos físicos de Portugal*.

Como exemplo destas actividades destacamos: “Pinta as imagens com comportamentos correctos; Pinta as imagens com comportamentos incorrectos; Escreve o nome de espaços públicos da tua localidade; Investiga o passado de uma instituição da tua localidade; Indica actividades humanas que podem poluir o rio e o mar” (cf. Quadros 11, 11a e 11b).

Quadro 11

Exemplos de actividades contextualizadas na esfera pública nos manuais em análise

Exemplos de actividades na esfera pública		
Módulos	Designação Actividade/Objectivo	Descrição da Actividade
À descoberta dos outros e das instituições	A sua escola	-Observa a sala de aula. Fala sobre ela. -Quantos meninos e meninas há na tua sala? -Assinala o horário da tua turma. -Pinta as imagens com comportamentos correctos.
À descoberta das inter-relações entre espaços	O espaço da sua escola	-Perguntar aos adultos como foi a sua escola. -Descobrir diferenças entre a escola de hoje e a do tempo dos pais. -Desenhar a sua escola por fora. -Assinalar espaços da escola. -Fazer a correspondência entre função e espaço. -Desenhar actividade que pode realizar na escola. -Quantas turmas de cada ano há na escola? -Pesquisar a história da sua escola. -Assinalar objectos existentes na sala. -Discutir com colegas as funções dos objectos da sala. -Planificar tarefas para a semana. -Nome do responsável por cada tarefa. -Discutir regras de conduta com os colegas.

Os quadros seguintes sistematizam e registam as actividades pedagógicas não contextualizadas. A não contextualização implica, pois, a ausência de actividades contextualizadas quer na esfera privada quer na esfera pública do aluno.

Pertencem a este âmbito os seguintes itens (1) *O seu corpo*; (2) *A saúde do seu corpo*; (3) *A segurança do seu corpo*; (4) *Manusear objectos*; (5) *O passado do meio local*; (6) *Aspectos físicos de Portugal*; (7) *Principais actividades produtivas nacionais*.

Ainda como exemplo destas actividades podemos destacar as seguintes: “Diz o que é a digestão; Realização de experiências com ímanes; Que países estiveram envolvidos na Guerra da Independência; Explica o que é uma “Carta de Foral”; Escreve o nome dos principais produtos agrícolas” (cf. Quadros 12 e 12a).

Quadro 12

Exemplos de actividades não contextualizadas nos manuais em análise

Exemplos de actividades não contextualizadas		
Módulos	Designação Actividade/Objectivo	Descrição da Actividade
À descoberta de si mesmo	<p>O seu corpo</p> <p>A saúde do seu corpo</p> <p>A segurança do seu corpo</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Copia os órgãos que constituem o tubo digestivo. -Diz o que é a digestão. -Legenda a gravura com o nome dos órgãos dos sentidos. -Quais os alimentos da gravura que não são saudáveis? -Conhecer normas de higiene alimentar. -Liga cada objecto ao sinal que lhe corresponde. -Relaciona cada alimento com a sua origem. -A água potável é um bem precioso. Para que serve? -Explica por que razão é importante respirar ar puro. -Qual a importância dos rins? -Como se chama a função que permite a reprodução da vida? -Faz a legenda com os órgãos do aparelho respiratório. -Enumera os órgãos do aparelho urinário. -Qual a função responsável pela expulsão de substâncias más? -Converso sobre as figuras (segurança na praia). -Converso sobre as figuras (segurança nas piscinas e nos rios). -No caso de fractura o que se deve fazer? -Indica as principais consequências dos incêndios. -Indica as regras mais importantes para prevenir incêndios. -O que é um sismo? -Que medidas devem adoptar as pessoas das áreas sísmicas?

Quadro 12 a

Exemplos de actividades não contextualizadas nos manuais em análise

Exemplos de actividades não contextualizadas		
Módulos	Designação Activi- dade/Objectivo	Descrição da Actividade
À desco- berta dos materiais e objectos	Manusear objectos	<ul style="list-style-type: none"> -Que objectos são atraídos por um imane? -O que acontece quando aproximamos um imane de outro? -Escreve o nome de duas fontes luminosas. -Que acontece quando os raios solares encontram algo opaco? -Descreve uma experiência que prove que o som se propaga.
À desco- berta dos outros e das insti- tuições	O passado do meio local	<ul style="list-style-type: none"> -O que entendes por friso cronológico? -Explica o significado de a.C. e d.C. -Refere marcas da presença romana na Península Ibérica. -Qual foi o território que não foi conquistado na invasão muçulmana? -Em que ano se deu o tratado de Zamora? -O que deu origem à crise 1383-1385? -Que países estiveram envolvidos na guerra da Independência? -O que levou os portugueses à expansão marítima? -Que tipo de embarcações foram usadas? -Que instrumentos de orientação marítima foram utilizados? -Por que razão Portugal perdeu a independência em 1580? -Indica os motivos que deram origem à revolta de 1640. -Que riquezas foram descobertas no Brasil? -Que monumentos foram construídos no reinado de D. João V? -Por que foi importante o Marquês de Pombal? -Em que data foi proclamada a República? -Caracteriza o regime do Estado Novo. -Em que data se deu a “Revolução dos Cravos”?
À desco- berta do ambiente natural	Aspectos físicos de Portugal	<ul style="list-style-type: none"> -Distingue nascentes naturais de poços ou minas. -Descreve o ciclo da água. -O que entendes por precipitação -Que provas existem de que a Terra é redonda. -A Lua recebe a luz do Sol, de outras estrelas ou da Terra? -Identifica cada uma das fases da Lua. -Identifica diferentes aplicações das águas dos rios.
À desco- berta das inter- relações entre a natureza e a socieda- de	Principais actividades produtivas nacionais	<ul style="list-style-type: none"> -E que oceano desaguam os maiores rios portugueses? -Que nome se dá aos rios que desaguam noutros rios? -Qual a maior elevação de Portugal? -Identifica os factores que influenciam a produção agrícola. -Escreve o nome dos principais produtos agrícolas. -De que forma são úteis as diferentes espécies de árvores? -Explica a importância de protegermos a floresta. -Descobre produtos que podes colocar nos ecopontos. -Enumera cuidados a ter em casa para não prejudicar o ambiente. -Indica actividades humanas que podem poluir o rio e o mar. -Refere locais onde os animais podem estar protegidos. -Qual a importância das áreas florestais para a qualidade do ar.

Da **análise feita aos doze manuais** de Estudo do Meio concluímos que são os manuais para os dois primeiros anos de escolaridade que mais actividades contextualizadas integram, centrando-se essa contextualização predominantemente na vida privada dos alunos e das suas famílias. Esta tendência é mais visível nos seguintes ítems: (1) A

casa familiar e ao espaço que o aluno nela ocupa; (2) A composição e a caracterização da família, e os acontecimentos marcantes que nela ocorreram destacando-se os que respeitam ao aluno; (3) O historial de saúde e o estado actual do aluno; (4) A descrição do corpo, identidade sexual e higiene do aluno; (5) As opiniões pessoais do aluno sobre múltiplos aspectos e situações; (6) Os sentimentos do aluno.

De seguida, sintetizaremos os dados recolhidos da análise dos manuais para cada ano de escolaridade. Nesse sentido, construímos quatro quadros-resumo, registando em cada os resultados referentes aos três manuais do ano de escolaridade em causa.

Manuais para o 1.º ano de escolaridade

O manual A₁ comporta um total de 135 actividades, sendo 33 delas contextualizadas na esfera privada, 16 contextualizadas na esfera pública e 86 não contextualizadas.

No total de 280 actividades do manual A₂, 104 são contextualizadas na esfera privada, 63 contextualizadas na esfera pública e 113 não são contextualizadas.

No manual A₃, em 167 actividades, 41 são contextualizadas na esfera privada, 28 contextualizadas na esfera pública e 98 não são contextualizadas (cf. Quadro 13).

Quadro 13
Síntese da análise dos manuais do 1.º ano

	Actividade propostas											
	Manual A ₁				Manual A ₂				Manual A ₃			
	Total	C. Privada	C. Pública	Não C.	Total	C. Privada	C. Pública	Não C.	Total	C. Privada	C. Pública	Não C.
N	135	33	16	86	280	104	63	113	167	41	28	98
%	100	24	12	64	100	37	23	40	100	24	17	59

Manuais para o 2.º ano de escolaridade

O manual B₁ contém 158 actividades: 37 são contextualizadas na esfera privada, 16 são contextualizadas na esfera pública e 86 não são contextualizadas.

O manual B₂, com 334 actividades, apresenta 36 contextualizadas na esfera privada, 61 na esfera pública e 237 não contextualizadas.

O manual B₃ tem 123 actividades: 19 contextualizadas na esfera privada, 16 na esfera pública e 88 não são contextualizadas. (cf. Quadro 14)

Quadro 14

Síntese da análise dos manuais do 2.º ano

	Actividade propostas											
	Manual B ₁				Manual B ₂				Manual B ₃			
	Total	C. Privada	C. Pública	Não C.	Total	C. Privada	C. Pública	Não C.	Total	C. Privada	C. Pública	Não C.
n	158	37	78	43	334	36	61	237	123	19	16	88
%	100	24	49	27	100	11	18	71	100	15	13	72

Manuais para o 3.º ano de escolaridade

No manual C₁, com um total de 163 actividades, 18 são contextualizadas na esfera privada, 47 contextualizadas na esfera pública e 98 não são contextualizadas.

No manual C₂, com um total de 160 actividades, 13 são contextualizadas na esfera privada, 46 contextualizadas na esfera pública e 101 não são contextualizadas.

O manual C₃, contém 241 actividades, 8 são contextualizadas na esfera privada, 53 contextualizadas na esfera pública e 180 não são contextualizadas (cf. Quadro 15).

Quadro 15

Síntese da análise dos manuais do 3.º ano

	Actividade propostas											
	Manual C ₁				Manual C ₂				Manual C ₃			
	Total	C. Privada	C. Pública	Não C.	Total	C. Privada	C. Pública	Não C.	Total	C. Privada	C. Pública	Não C.
n	163	18	47	98	160	13	46	101	241	8	53	180
%	100	11	29	60	100	8	29	63	100	3	22	65

Manuais para o 4.º ano de escolaridade

No manual D₁, com 159 actividades, 2 são contextualizadas na esfera privada, 30 são contextualizadas na esfera pública e 127 não são contextualizadas.

O manual D₂ refere 107 actividades, das quais 2 são contextualizadas na esfera privada, 13 são contextualizadas na esfera pública e 92 actividades não são contextualizadas.

O manual D₃ apresenta 226 actividades, sendo 2 contextualizadas na esfera privada, 26 contextualizadas na esfera pública e 198 não são contextualizadas (cf. Quadro 16).

Quadro 16

Síntese da análise dos manuais do 4.º ano

Actividade propostas												
Manual D ₁				Manual D ₂				Manual D ₃				
	Total	C. Privada	C. Pública	Não C.	Total	C. Privada	C. Pública	Não C.	Total	C. Privada	C. Pública	Não C.
n	159	2	30	127	107	2	13	92	226	2	26	198
%	100	1	19	80	100	2	12	86	100	1	11	88

Em **síntese**, há a referir que, dos manuais analisados, os que apresentam maior número de actividades contextualizadas na esfera privada são:

- o manual A₂ (do 1.º ano) com 104 actividades;
- o manual B₁ (do 2.º ano) com 37 actividades;
- o manual C₁ (3.º ano) com 18 actividades;
- o manual D₂ (4.º ano) com 2 actividades.

Em suma, a análise dos manuais, permitiu perceber que estes recursos reflectem as orientações curriculares e programáticas da tutela no que respeita à questão da contextualização das aprendizagens para a área curricular de Estudo do Meio. Como acima vimos, ao longo dos quatro anos de escolaridade, verificamos um número decrescente de actividades pedagógicas localizadas na esfera privada em prol das actividades contextualizadas na esfera pública e das actividades não contextualizadas. É nos manuais para os 2.º e 3.º anos que as actividades pedagógicas contextualizadas na esfera pública são em maior número. Por seu lado, as actividades pedagógicas não contextualizadas têm maior ocorrência no 4.º ano de escolaridade.

3.2. Segundo Estudo – Estudo com professores

Como antes referimos, realizámos também um estudo centrado em entrevistas presenciais a professores, no sentido de conhecer a opinião daqueles sobre a contextualização de actividades, quer na esfera privada e pública, e da não contextualização na prática pedagógica em sala de aula.

Objectivo

Tendo em conta o acima explicitado, foi nosso objectivo conhecer o que os sujeitos da nossa amostra pensam sobre a aplicação de actividades pedagógicas contextualizadas, sobre as formas de concretização das mesmas, se as aplicam e sobre os resultados a serem obtidos pela sua aplicação, mas também pretendemos conhecer a opinião dos mesmos sujeitos sobre a reacção dos alunos e respectivos encarregados de educação quanto à aplicação de tais actividades.

Amostra

A amostra foi constituída por vinte professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico de diferentes escolas, oficiais e particulares, do distrito de Coimbra. Nesta amostra, 12 sujeitos eram do sexo feminino e 8 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 27 e os 53 anos. O tempo de serviço variava entre os 5 e os 32 anos. No que respeita aos anos de escolaridade leccionados por estes professores, 7 leccionam apenas um ano de escolaridade, 9 leccionam dois anos de e 4 leccionam os quatro anos de escolaridade (cf. Quadro 17).

Quadro 17

Caracterização da amostra quanto ao sexo, tempo de serviço e anos que lecciona

Variável	Nível	N
Sexo	Feminino	12
	Masculino	8
Tempo de serviço	< 9 anos	5
	9 -14 anos	5
	15-20 anos	3
	21-25 anos	2
	26-30 anos	4
	> 30 anos	1
Idade	20 -30 anos	4
	31-35 anos	3
	36-40 anos	2
	41-45 anos	7
	46-50 anos	2
	51- 55 anos	2
Anos que leccionam	Todos os anos	4
	Dois anos	9
	Apenas num ano	7

Instrumento

Para este estudo concebíamos uma entrevista organizada em torno de três actividades pedagógicas, intituladas de A, B e C, inspiradas em situações idênticas às contidas nos manuais. Eram elas: uma situação contextualizada na esfera privada dos alunos (situação A), outra contextualizada na esfera pública (situação B) e uma terceira não contextualizada (situação C) (cf. Anexos IV, V, VI).

As três situações foram sequencialmente apresentadas aos sujeitos em três folhas respectivas. Para cada situação foram formuladas seis perguntas abertas (cf. Anexo III).

A primeira questão incidia sobre as possibilidades de sucesso de aprendizagem. A segunda sobre a metodologia a adoptar para implementar cada uma das situações apresentadas. Com a terceira pergunta pretendíamos conhecer a opinião dos sujeitos sobre os resultados que cada situação obteria quanto à aprendizagem dos alunos. A quarta pergunta visava saber se os entrevistados realizam situações análogas às mencionadas. A quinta e a sexta questões pretendiam conhecer a opinião dos entrevistados sobre a forma como alunos e encarregados de educação reagem a situações idênticas contidas nos manuais.

Procedimento

Os sujeitos da amostra foram contactados directamente por nós, tendo-lhes sido explicadas as intenções do estudo, solicitado colaboração e garantido o anonimato das respostas. A sua participação foi, pois, voluntária.

A entrevista individual, de aproximadamente 20 minutos, realizadas por nós, decorria da forma seguinte. Após a nossa apresentação sobre o estudo em curso, os objectivos da entrevista e o procedimento da mesma apresentávamos primeiro a folha com a situação A e pedíamos ao entrevistado que a lesse e observasse atentamente. Posteriormente, colocávamos as perguntas de 1 a 6, lendo-as individualmente em voz alta, e anotávamos por escrito as respectivas respostas (cf. Anexo III).

Apresentação e análise dos resultados

Para o tratamento e interpretação dos dados valemo-nos da *Técnica de Análise de Conteúdo* (Bardin, 1991; Estrela, 1984). Após leitura cuidadosa da totalidade das entrevistas recolhidas, procedemos à respectiva análise. Para tal, dividimos em primeiro lugar o texto em unidades com sentido para o estudo (unidade de registo) que foram, em segundo lugar, transformadas em indicadores passíveis de interpretação.

Passamos agora a analisar os dados organizados no quadro sobre as actividades contextualizadas na esfera privada.

Situação A: Actividades contextualizadas na esfera privada

Quanto aos (item1) – Objectivos, 72% das justificações recolhidas indicam que as **actividades contextualizadas na esfera privada** dos alunos contribuem para que o professor melhore os seus conhecimentos sobre os alunos.

No (item 2) – Estratégia -, 77,7% das opiniões indicam que as famílias são envolvidas em actividades escolares, como, por exemplo, inquéritos sobre a família, apresentando e comentando na aula fotografias e vídeos de acontecimentos significativos para a família, partilhando com a turma imagens da habitação e desenhos sobre a família.

Sobre o (item 3) – Eficácia, 93,1% dos pareceres consideram importante a contextualização na esfera privada apontando poder assim melhor conhecer a família dos alunos e os seus papéis, comparar as famílias dos alunos entre si e estabelecer relações afectivas com elas e como os alunos, alegando ainda que desta forma o aluno se saberia situar melhor em termos familiares.

Sobre o (item 4) – Uso, recolhemos 100% de respostas positivas, ou seja respostas que confirmavam a realização de actividades pedagógicas como a apresentada na situação A e que questionam os alunos sobre dados familiares, tipo de habitação, itinerários feitos pelos alunos, etc. (cf. Anexo IV).

Quanto ao (item 5) – Reacções dos alunos, 94% das respostas indicam que os alunos consideram este tipo de actividades estimulantes e motivadoras porque através delas a escola se referia à sua realidade mais próxima.

Relativamente ao (item 6) - Reacções encarregados de educação, 69% dos pareceres confirmavam que os encarregados de educação colaboram com a escola partilhando informações sobre a sua vida familiar (cf. Quadro 18).

Quadro 18

Actividade A – Contextualizada na esfera privada

Per- guntas	Categorias	Exemplos	Ocor- rências	Percen- tagens
1. Obj- ectivos	Melhor conhe- cimento dos alu- nos, por parte do professor	-Identificação/Conhecer dados da família -Conhecer o aluno e o meio -Aplicação de elementos familiares -Conhecimento da família -Conhecer as funções dos membros da sua família -Conhecer os nomes da família	48	72
	Auto-conheci- mento do aluno	-Para o aluno se conhecer a si próprio -Localização espacial/endereço -Conhecimento da local onde a criança habita -Para melhor compreender as crianças -Para melhor agir com as crianças -Para a criança se apresentar aos colegas -Para a criança se apresentar ao professor	13	19
	Conformidade	-São actividades obrigatórias dos manuais -Importante para preencher documentos	2	3
	Para ensinar melhor	-Para desenvolver capacidades -Para ensinar melhor	4	6
2. Estra- tégia	Envolver a família	-Conversar/envolver a própria família -Complementar com inquéritos sobre a família, dar exem- plos de famílias, fotografias e vídeos de acontecimentos significativos para a família, imagem de habitação, dese- nhos, processo individual dos alunos -Dar o próprio exemplo (professor) como sujeito integra- do numa família	42	77,7
	Trabalho com a turma	-Apresentar à turma -Abordar a ideia de árvores genealógica -Envolver as crianças em grande grupo	8	14,8
	Discussão	-Exploração oral	4	7,4
3. Eficá- cia	Conhecimento contextualizado	-Melhor conhecimento da sua família e dos seus papéis -Saber situar-se em termos familiares -Estabelecer relações afectivas entre o professor e os alunos -Comparar famílias dos alunos entre si -Estabelecer relações afectivas entre os alunos	27	93,1
	Conhecimento não contextualizado	-Consolidação de conceitos -Aprender a preencher documentos	2	6,9
4. Uso	Sim	-Realização de actividades análogas -Porque está no programa -Através de planificação discriminada -Porque está nos manuais -Tento contextualizar sempre partindo da criança -Para desenvolver a convivência e a motivação	20	100
	Não	-Realização de actividades análogas	0	0
5. Reac- ções Alu- nos	Positivas	-Actividades estimulantes, entusiasmantes para os alunos -Motiva-os, interessa-os, entusiasma-os -Descobrem que fazem parte da família -Trazem a casa para a escola -É uma realidade próxima deles	31	94
	Negativas	-Manifestam alguma dificuldade -Por vezes não gostam de desenhar um membro familiar	2	6
6.Reac- ções Enc. Educa-	Positivas	-Colaboram com informações acerca da família (e com- pletam-na com fotografias)	20	69
	Negativas	-Problemas com uma criança adoptada	1	3,5
	Outras/ sem resp.	-Sem <i>feedback</i>	8	27,5

Situação B: Actividades contextualizadas na esfera pública

Quanto às **actividades contextualizadas na esfera pública**, importa referir que 91,2 % das opiniões, apresentadas sobre os *Objectivos* –(*item 1*), vão no sentido de ancorar os conhecimentos programáticos a transmitir nos conhecimentos do contexto sócio-cultural próximo do aluno.

Porém, no (*item 2*)- *Estratégia*, apenas 63,5% dos pareceres se reportam a métodos que consideram “activos” realizando pesquisas, entrevistas, partindo sempre do conhecimento local que os alunos detêm.

Todavia 86,6% das opiniões sobre o (*item 3*)- *Eficácia*, considera importante a contextualização na esfera pública para que os alunos conheçam o seu meio envolvente e tomem consciência da realidade que os rodeia.

No (*item 4*)- *Uso*, a maioria anterior é corroborada pelos 100% das afirmações sobre a realização de actividades pedagógicas como as apresentadas na situação B (cf. Anexo V).

As respostas ao (*item 5*) – *Reacções dos alunos*, confirmam as contradições constatadas nos itens anteriores pois que 73,9% delas opina que os alunos trabalham melhor partindo dos conhecimentos sobre a realidade concreta devido a se sentirem motivados para falar sobre o seu meio/localidade/terra.

Relativamente ao (*item 6*) –*Reacções dos encarregados de educação*, apenas 57,1% das respostas afirmou que os encarregados de educação colaboram ou ajudam os filhos em trabalhos de pesquisa (cf. Anexo V).

Quadro 19

Situação B – Contextualizada na esfera pública

Per- gun- tas	Categorias	Exemplos	Ocor- rên- cias	Perce- ntagens
1. Obje- ctivos	Conhecimento do contexto	-Conhecer o meio local -Identificar a região onde vive -Apresentem a região onde vivem a outrem -Identificar o património cultural e histórico da sua região	31	91,2
	Aprendizagem em geral	-Adquirir habilidades -Orientação em mapas	3	8,8
2. Estra- tégia	Métodos “acti- vos”	-Fazendo pesquisas, entrevistas,.. -Partir dos conhecimentos que os alunos têm -Fazendo exercícios de concretização em grupo	33	63,5
	Contextualizar/ concretizar	-Envolvendo a família para ir à escola dar os seus tes- temunhos -Diálogo sobre as viagens em fins-de-semana ou férias -Falar do local de pertença do professor partindo para o dos alunos -Vivenciar as situações concretas	19	36,5
3. Eficá- cia	Conhecimento contextualizado	-Conhecer o meio envolvente/local/regional -Conhecer a sua localidade (história, património, etc) -Dar valor à sua localidade -Tomar consciência da realidade que rodeia as crianças	26	86,6
	Conhecimento não contextualizado	-Consolidação de conceitos -Desenvolver competências/habilidade	4	13,3
4. Uso	Sim	-Realização de actividades análogas -Porque está no programa -Porque se deve contextualizar o mais possível	20	100
	Não	-Realização de actividades análogas	0	0
5. Reac- ções alunos	Positivas	-Gostam de falar do seu meio/localidade/ terra -Motiva-os, interessa-os, entusiasma-os -Apela à sua realidade concreta -Trabalham melhor com o que conhecem	17	73,9
	Negativas	-Não demonstram muito entusiasmo	6	26,1
6. Reac- ções Enc. Educ.	Positivas	-Colaboram/ajudam os filhos (a fazer pesquisas) -Motiva-os, interessa-os, entusiasma-os	16	57,1
	Negativas	-Porque dá trabalho	1	3,6
	Outras/ não se pronunciaram	-Sem feedback	11	39,3

Situação C: Actividades não contextualizadas

Quanto às **actividades não contextualizadas**, concluímos que sobre o (*item 1*)-*Objectivos*, 93,1% das opiniões refere que as actividades não contextualizadas permitem um “alargamento dos conhecimentos e a aquisição de capacidades”.

Apesar desta maioria, no (*item 2*) – *Estratégias*, ainda 58,5% das respostas afirma recorrer à contextualização para realizar as actividades da esfera não contextualizada.

Contudo sobre o (*item 3*) – *Eficácia*, 57,1% das opiniões argumenta que a não contextualização é importante porque “desenvolve competências ou habilidades”.

Quanto ao (item 4) – *Uso*, as opiniões foram unânimes sobre o realizarem actividades pedagógicas como a apresentada na situação C (cf. Anexo VI).

Esta unanimidade de opiniões voltou a verificar-se no (item 5) – *Reacções dos alunos*, ao considerarem as actividades não contextualizadas motivadoras e estimulantes para os alunos, pois que estes “são curiosos por natureza”.

Dos pareceres recolhidos sobre o (item 6) – *Reacções dos encarregados de educação*, conclui-se que 71,9% deles não tem qualquer tipo de *feed-back* em relação às actividades na esfera não contextualizada (cf. Quadro20).

Quadro 20
Actividade C – não contextualizada

Per- gun- tas	Categorias	Exemplos	Ocor- rências	Percen- tagens
1. Obje- ctivos	Desenvolvimen- to/Conheciment o	-Adquirir capacidades -Alargamento dos seus conhecimentos -Conhecer o mundo que rodeia os alunos	27	93,1
	Cidadania	-Respeitar o mundo que os rodeia	2	6,9
2. Estra- tégia	Contextualizar/ concretizar	-Partir das experiências/vivências das crianças -Recorrer a imagens -Recurso à TIC -Contextualizar o mais que se puder -Levar os alunos a observarem e pesquisarem	24	58,6
	Métodos “acti- vos”	Recorrer à experimentação -Partir dos conhecimentos das crianças -Desenvolver a curiosidade inata dos alunos	15	36,6
	Outras	-Aprofundar os conhecimentos da criança	2	4,8
3. Eficá- cia	Conhecimento contextualizado	-Conhecer o meio envolvente/local/ regional -Aquisição de conhecimentos sobre o realidade que rodeia as crianças -Aquisição de competências sobre a realidade que rodeia as crianças	12	42,9
	Conhecimento não contextuali- zado	-Aprofundamento de conhecimentos -Desenvolver competências/habilidade -Aplicação de competências em novas realida- des/situações -Aplicação em situações práticas -Adquirir cultura geral	16	57,1
4. Uso	Sim	-Realização de actividades análogas -Tento fazer experiências partindo dos conhecimentos dos alunos	20	100
	Não	-Realização de actividades análogas	0	0
5. Reac- ções alunos	Positivas	-Motiva-os, interessa-os, entusiasma-os... -Porque são curiosos (por natureza) -Porque se podem fazer trabalhos práticos -Participam (activamente)	39	100
	Negativas		0	0
6. Reac- ções Enc. Educa- ção	Positivas	-Envolvimento e participação -Acham importante -Colaboram/ajudam os filhos (arranjam material)	9	28,1
	Negativas		0	0
	Outras/ não se pronunciaram	-Sem feedback	23	71,9

Conclusão

Quanto à primeira pergunta da nossa entrevista, ou seja o que no entender do entrevistado se pretendia com as situações A, B e C em termos de aprendizagens dos alunos, somos levadas a concluir, perante o tipo das respostas obtidas, que a maioria dos entrevistados não entendeu o que se pretendia com a pergunta relativamente às situações A e B.

Contudo para o nosso estudo importa constatar que relativamente à situação C a maioria dos entrevistados afirmou que a não contextualização das actividades tinha como objectivo, em termos de aprendizagem dos alunos, estes adquirirem capacidades e alargar os seus conhecimentos (embora não explicitassem o que entendiam por capacidades).

Sobre a segunda pergunta “Como é que um professor deverá concretizar esta actividade em sala de aula?”, as respostas apontam no sentido de os professores recorrerem à cooperação da família dos alunos e a membros da comunidade para a realização de tais actividades. Para o nosso estudo, convém fixar que a maioria das respostas sobre a situação C, não contextualizada, afirma recorrer, porém, ao método da contextualização para as concretizar.

Sobre a resposta à pergunta 3 “Que resultados, em termos de aprendizagem, é que lhe parece que esta actividade terá?”, ocorre-nos que a contradição entre as opiniões formuladas na resposta 1 e nesta é a mais ostensiva. Como vimos, as respostas à pergunta 1 denotavam um alargado desconhecimento sobre os objectivos da contextualização e da não contextualização em termos de aprendizagem dos alunos.

Todavia as respostas à pergunta 3 são consensuais, quer isto dizer que os sujeitos da nossa amostra tanto confiam na eficácia de situações contextualizadas, no âmbito da esfera privada ou da esfera pública, como na eficácia das não contextualizadas.

Sobre a pergunta 4 “Como professor tem realizado actividades como esta com os seus alunos?”, resta-nos constatar que todos os sujeitos da amostra recorrerem a actividades análogas.

As respostas às perguntas 5 “Como é que os alunos reagem a actividades como esta?”, demonstram que os professores da amostra consideram que os alunos estão mais motivados para participar em actividades não contextualizadas (embora não se deva esquecer que os professores em causa referem recorrer à estratégia da contextualização para realizar este tipo de actividades).

Resta a pergunta 6 “E os encarregados de educação como reagem?”, as opiniões referem-se apenas às situações contextualizadas uma vez que sobre as actividades não contextualizadas não dispõem de qualquer *feed-back*. As respostas revelam que as actividades contextualizadas desfrutam de grande aceitação junto dos encarregados de educação.

Cruzando os dois estudos empíricos, o estudo dos manuais e as entrevistas a professores, podemos concluir que as actividades contextualizadas, quer as na esfera da vida privada quer as na esfera da vida pública, são preferidas pelos professores da nossa amostra que seguem, porém, um tanto irreflectidamente, as actividades propostas pelos manuais.

Conclusões

Este trabalho teve como principal objectivo confirmar ou infirmar uma conjectura que fomos desenvolvendo ao longo da nossa prática docente.

Tendo constatado, subjectivamente, que a prática pedagógica da contextualização vem crescentemente abarcando as actividades sugeridas pelos manuais escolares respeitantes à área curricular disciplinar do Estudo do Meio, fomos tomadas pela curiosidade de saber se tal prática se encontrava fundamentada nos documentos emanados pela tutela.

Metodologicamente começámos por proceder à análise de documentos normativo-legais para perceber se tal prática era por eles legitimada. No capítulo 1, vimos que tanto a Lei das Bases do Sistema Educativo de 1986/2005 como o Decreto-Lei 6/2001 preconizam em geral uma formação integral dos alunos assente na inter-acção do ensino formal com os conhecimentos práticos que aqueles trazem para a aula. Estes saberes subjectivos dos discentes são provenientes da sua vida privada, familiar e de todas as experiências adquiridas na comunidade envolvente. Concluímos que estes documentos ao exigirem e promoverem a prática pedagógica da contextualização, ou seja o referenciar, tomando como ponto de partida a vida afectiva, familiar e social do aluno para a aquisição dos novos saberes escolares, tornam estes aspectos relevantes para o Estudo do Meio, pois que esta é uma área inter e intradisciplinar.

Mas é sobretudo nos documentos curriculares e programáticos, nomeadamente na Organização Curricular e Programas para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, nos seus Princípios Orientadores e nos Blocos de Aprendizagens, nos quais são sistematizados os temas curriculares para esta área de ensino, que mais insistentemente se apela para a prática da contextualização dos saberes formais.

Assim confirmámos a nossa primeira conjectura de que a prática da contextualização é planeada e fomentada pelos documentos curriculares e programáticos orientadores e vinculativos para a área do Estudo do Meio.

Prosseguindo no nosso estudo, quisémos primeiro clarificar até que ponto os manuais escolares são determinantes para as práticas docentes. Assim, no capítulo 2, concluímos que os manuais escolares são um instrumento precioso para a prática docente quer na organização, planificação e na realização das actividades pedagógicas. Na realidade, tornam-se no meio de trabalho preferido pela grande maioria dos professores

sendo concomitantemente o auxiliar de estudo de referência para os discentes, organizando e guiando as suas aprendizagens.

Tendo comprovado o papel fundamental dos manuais escolares para as actividades de ensino e de aprendizagem, pretendemos no momento seguinte averiguar se objectivamente os nossos pressupostos sobre a presença de actividades contextualizadas nos manuais escolares para o Estudo do Meio se confirmavam. Importante foi, porém, para além de confirmar a sua presença, averiguar qual o tipo de contextualização que aqueles manuais continham uma vez que as actividades insertas nestes são de natureza variada.

Passámos pois à análise dos manuais escolares em número de doze, tal como descrito no capítulo 3 aplicando grelhas de classificação das actividades contidas nos mesmos manuais. Salientamos que os instrumentos utilizados foram construídos especificamente para este fim, pelo que os resultados obtidos devem limitar-se aos manuais estudados, nomeadamente os mais adoptados do 1.º ao 4.º anos de escolaridade, sem que haja pretensão de generalizar estes mesmos dados.

Da nossa análise das actividades propostas pelos manuais, verificámos coerência entre o Currículo e as Orientações Programáticas para o Estudo do Meio, uma vez que estas se encontravam reflectidas nas actividades contidas naqueles.

Foi-nos possível concluir que, embora o apelo à prática da contextualização seja constante e abranja todos os temas trabalhados pelos manuais, a sua ressonância revela uma forte tendência, presente no 1.º e 2.º anos de escolaridade, para as actividades contextualizadas na esfera da vida privada do aluno. Esta é gradualmente substituída por actividades contextualizadas na esfera da vida pública e por actividades não contextualizadas, sobretudo, no 4.º ano de escolaridade.

Por fim, proveniente do nosso conhecimento empírico adquirido no planeamento de actividades conjuntas em equipa de professores do mesmo ciclo que uma das práticas docentes preferidas é precisamente a da contextualização, pretendemos conhecer a opinião dos colegas sobre esta prática preconizada pelos manuais e os objectivos da mesma, a sua aplicação nas aulas, as suas probabilidades de sucesso quanto às aprendizagens dos alunos e sobre o que opinavam ser as reacções de alunos e encarregados de educação sobre elas.

Neste sentido, e tal como descrito no referido capítulo 3, desenvolvemos uma entrevista composta de 6 perguntas sobre 3 situações distintas, mais concretamente

sobre uma situação contextualizada na esfera privada, outra contextualizada na esfera pública e uma terceira não contextualizada.

Da análise das entrevistas realizadas junto de uma amostra de 20 professores, que leccionam do 1.º ao 4.º ano de escolaridade, permite-nos concluir que a maioria considera as solicitações feitas aos alunos, para tomarem os aspectos da sua vida, familiar e escolar, como ponto de partida para neles situarem os saberes escolares, a adquirir, desenvolvendo daí as aprendizagens específicas, como orientações imprescindíveis para as situações de ensino-aprendizagem, que eles executam na sua na sua prática docente diária em contexto de sala de aula.

Este posicionamento dos docentes parece-nos preocupante, pois que a ausência de uma visão crítica e atenta dos docentes sobre os documentos curriculares e os manuais escolares, origina uma prática didáctica que colide com o direito à privacidade e intimidade reconhecido às crianças e aos jovens. Embora na Organização Curricular e Programas para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, no Bloco de Aprendizagens para o Estudo do Meio *À descoberta de si mesmo*, (2004:105) seja mencionado através da seguinte expressão: “É importante, ainda, realçar o cuidado e o bom senso que deverá existir no tratamento de todos os aspectos que, de algum modo, se relacionem com a vida privada dos alunos.” importa salientar a ausência de estudos que demonstrem como, em contexto de sala de aula, se revelam e devem imperar o tal “cuidado e o bom senso” na realização de tais abordagens.

Se por um lado os professores têm de trabalhar de acordo com as diretrizes definidas pela tutela, também é verdade que esta não delimita de forma inequívoca, curricular e programaticamente, a fronteira do que é privado e público, deixando para o docente a difícil, porque subjectiva e aleatória, tarefa de a definir.

A contextualização das actividades didácticas na vida privada dos alunos, mais do que uma conjectura com suporte empírico, tem assumido estatuto de dogma, repetidamente consagrado em directrizes de instâncias superiores de decisão, em trabalhos académicos, em documentos curriculares elaborados ao nível da escola e em manuais escolares, sem que o seu inegável contributo para a melhoria das aprendizagens escolares e para o desenvolvimento cognitivo dos alunos tenha sido consubstancialmente provado.

Por outro lado, será bom não escamotear que a não demarcação clara do que pertence à esfera privada do que pertence à esfera pública, entre o que é eticamente admissível que se convoque para o processo formal de ensino e de aprendizagem e o que não deveria ser admissível, acontece num domínio ideologicamente marcado, nos quais os

referenciais pedagógicos e éticos parecem ser relegados para segundo plano tanto mais que os recentes estudos científicos sobre a aprendizagem, tal como o desmonstra Festas (no prelo), não comprovam ser a prática da contextualização a mais promissora do sucesso escolar dos alunos.

Assumindo o mandamento explicitado na *Convenção sobre os direitos da criança*, no seu artigo 16.º (privacidade, honra e reputação), “Nenhuma criança pode ser sujeita a intromissões arbitrárias ou ilegais na sua vida privada, na sua família, no seu domicílio ou correspondência, nem a ofensas ilegais à sua honra e reputação. A criança tem o direito à protecção da lei contra tais intromissões ou ofensas” (Assembleia das Nações Unidas, 1959, adoptada por Portugal em 1989), como princípio ético e deontológico e, considerando a privacidade como a “promoção dos direitos e protecção da criança e do jovem” que “deve ser efectuada no respeito pela intimidade” *Lei de Protecção de crianças e jovens em perigo*, Lei n.º 147/99 de 1 de Setembro, Artigo 4º, constatámos, pela análise das entrevistas efectuadas, que nesta área e para o grupo observado, domina a arbitrariedade.

Face ao exposto, parece-nos urgir a reflexão e análise dos documentos curriculares e programáticos, e, conseqüentemente dos manuais escolares, com o fim de obter coerência entre uns e outros com os princípios de deontologia profissional consagrados pela *Convenção sobre os direitos da criança*.

Gostaríamos, também, de referir que a realização deste estudo permitiu apercebermo-nos da **possibilidade de outros**,

- Até que ponto a experiência dos professores influencia a forma de perceber/contextualizar as actividades propostas nos manuais?
- Será que os alunos desenvolvem realmente aprendizagens contextualizando as actividades? Como é que se poderia testar empiricamente esta questão?
- A contextualização das actividades nos manuais de Estudo do Meio do 1º Ciclo do Ensino Básico e o seu reflexo no desenvolvimento cognitivo dos alunos.
- Actividades contextualizadas na esfera privada: vantagens e desvantagens?

Referências bibliográficas

- Bardin, L. (1991). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70
- Brito, A. P. (1999). *A problemática da adopção dos manuais escolares. Critérios e reflexões*. In R. V. Castro ynsen (Org.), *Manuais escolares: Estatuto, funções, história*. (pp. 139-148). Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Castro, R. V. (Org.) (1999). *Manuais escolares: estatuto, funções, história*. Braga: Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia.
- Comissão de Protecção das Crianças e Jovens em Perigo (2011). *Promoção e protecção dos direitos das crianças: Guia de orientações para os profissionais da acção social na abordagem de situações de perigo*. Comissão de Protecção das Crianças e Jovens em Perigo/Instituto de Segurança Social.
- Convenção Sobre os Direitos da Criança (Assembleia das Nações Unidas, 1959, adoptada por Portugal, 1989).
- Choppin, A. (1992a). *Manuels Scolaires: Histoire et Actualité*. Paris: Hachette.
- Choppin, A. (1999). *Les Manuels scolaires – De la production aux modes de consommation*. In R. V. Castro (Org.). (pp. 3-18). *Manuais Escolares: estatuto, funções, história*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observações de classes – uma estratégia de formação de professores*. 4ª edição . Porto Editora.
- Festas, M. I. F. (no prelo). *A aprendizagem contextualizada. Análise crítica dos seus fundamentos e efeitos*. In Simões, M. & Damião da Silva, M.H. *Aprendizagens escolares e funções cognitivas*. Coimbra: Almedina.
- Gimeno, J. (1991). Los materiales y la enseñanza. *Cuadernos de Pedagogia*, 194, Julho/Agosto,(pp.10-15).
- Jorge, A. M. B. (2003). Manual escolar, uma ferramenta do aluno. *A Página da Educação*, n.º 125, Ano 12. <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=125&doc=9563&mid=2>
- Roegires, X. & Gérard, F. (1998). *Conceber e avaliar manuais escolares*. Porto: Porto Editora.
- Planchard, E. (1961). O manual escolar, instrumento didáctico. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Vol. 2, n.º 2 (1.ª Série/Ano II).
- Searle, J. R. (1999) Racionalidade e realismo. O que está em jogo? *Disputatio*, 7, pp.3-27.
- Stinner, A. (1992). *Science textbooks and science teaching: from logic to evidence*. *Science Education*, 76, pp.1-16).

Tormenta, J. R. (1996) *Manuais Escolares – Inovação ou tradição?*. Avaliação do Currículo. Lisboa. Instituto de Inovação Educacional.

Legislação e documentos curriculares

Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro

Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto e o Despacho Normativo n.º 98-A/92, de 20 de Junho, alterado pelo Despacho Normativo n.º 644-A/94, de 13 de Setembro.

Lei n.º 49/2005 de 30 de Agosto (Lei de Bases do Sistema Educativo) reformulação da Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro *Diário da República*, I Série.

Ministério da Educação/Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário (1991). *Organização Curricular e Programas*. Vol. I e II. Lisboa: ME/DGEBS.

Ministério da Educação/Departamento de Educação Básica (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação/Departamento de Educação Básica

Documentos do Ministério da Educação *on line*

Ministério da Educação/DGIDC. Manuais escolares.

<http://www.dgicd.minedu.pt/manuaisescolares/Paginas/default.aspx>. 19 de Novembro de 2012

Ministério da Educação/DGIDC. Acreditação de entidades avaliadoras de manuais escolares. <http://www.dgicd.minedu.pt/manuaisescolares/Paginas/acreditacaoentidades.aspx> Consultado em 19 de Novembro de 2010.

Ministério da Educação/DGIDC. Acreditação de entidades avaliadoras e Certificadoras de manuais escolares. <http://sitio.dgicd.minedu.pt/manuaisescolares/Paginas/acreditacaoentidades.aspx> Consultado em 21 de Novembro de 2010.

Ministério da Educação/DGIDC. Avaliação e Certificação de Manuais Escolares <http://www.dgicd.minedu.pt/manuaisescolares/Paginas/AvaliacaoeCertificacaodeManuaisEscolares.aspx> Consultado em 23 de Abril de 2011.

Ministério da Educação/DGIDC. Adopção de Manuais Escolares Enquadramento do processo de apreciação, selecção e adopção <http://www.dgicd.minedu.pt/manuaisescolares/Paginas/AdopcaoodeManuaisEscolares.aspx> Consultado em 23 de Abril de 2011.

Ministério da Educação/DGIDC. Legislação de Enquadramento http://www.dgicd.minedu.pt/manuaisescolares/Paginas/legislacao_manuais.aspx Consultado em 23 de Abril de 2011.

Ministério da Educação/DGIDC Dossier: Manuais Escolares:
<http://www.minedu.pt/np3/90>

Ministério da Educação/DGIDC – Metas de aprendizagem:
<http://sitio.dgdc.min-edu.pt/Paginas/default.aspx>

Anexos

Anexo I

Grelha de análise dos manuais Estudo do Meio

Blocos de conteúdos	Designação da actividade/ Objectivo	Descrição da Actividade	Classificação
Bloco 1 À descoberta de si mesmo Bloco 2			
À descoberta dos outros e das instituições			
Bloco 3 À descoberta do ambiente natural			
Bloco 4 À descoberta das inter-relações entre espaços Bloco 5			
À descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade			
Bloco 6 À descoberta dos materiais e objectos			

Classificação: (A) Contextualização na esfera privada; (B) Contextualização na esfera pública; (C) Não contextualizada

Anexo II

Orientações Curriculares e Programas (2004)
Orientações Curriculares e Programas (2004) 1.º Ano:
Contextualização na esfera privada

Blocos	Conteúdos
À descoberta de si mesmo	1.A SUA IDENTIFICAÇÃO <ul style="list-style-type: none">• Conhecer: nome(s), próprio(s), nome de família/apelido(s); sexo, idade; endereço. 2. OS SEUS GOSTOS E PREFERÊNCIAS <ul style="list-style-type: none">• Seleccionar jogos e brincadeiras, músicas, frutos, cores, animais...• Descrever lugares, actividades e momentos passados com amigos, com 66r066e6666res, nos seus tempos livres... 4. A SAÚDE DO SEU CORPO <ul style="list-style-type: none">• Reconhecer e aplicar normas de higiene do corpo (lavar as mãos antes de comer, lavar os dentes...).• Conhecer normas de higiene alimentar (importância de uma alimentação variada, lavar bem os alimentos que se consomem crus, desvantagem do consumo excessivo de doces, refrigerantes...).• Reconhecer a importância de posturas correctas do exercício físico e do repouso para a saúde (estar bem sentado, brincar ao ar livre, deitar cedo...).• Conhecer e aplicar normas de vigilância da sua saúde (idas periódicas ao médico, boletim individual de saúde).
À descoberta dos outros e das instituições	1.OS MEMBROS DA SUA FAMÍLIA <ul style="list-style-type: none">• Conhecer os nomes próprios, apelidos, sexo, idade.• Estabelecer relações de parentesco (pai, mãe, irmãos, avós).• Representar a sua família (pinturas, desenhos...). 2. OUTRAS PESSOAS COM QUEM MANTÉM RELAÇÕES PRÓXIMAS <ul style="list-style-type: none">• Conhecer os nomes, idades, sexo de: amigos da escola e de fora da escola; vizinhos; o(a) professor(a); outros elementos da escola.
À descoberta das inter-relações entre espaços	5. A CASA <ul style="list-style-type: none">• Reconhecer os diferentes espaços da casa (salas, quartos, cozinha...).• Reconhecer as funções desses espaços.• Representar a sua casa (desenhos, pinturas...). 3. OS SEUS ITINERÁRIOS <ul style="list-style-type: none">• Descrever os seus itinerários diários (casa/escola, lojas, tempos livres...).• Representar os seus itinerários (desenhos, pinturas...).

**Orientações Curriculares e Programas (2004) 2.º Ano:
Contextualização na esfera privada**

Blocos	Conteúdos
À descoberta de si mesmo	<p>5. O PASSADO MAIS LONGÍNQUO DA CRIANÇA</p> <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer datas e factos (data de nascimento, quando começou a andar e a falar...): localizar, numa linha de tempo, datas e factos significativos; reconhecer unidades de tempo: o mês e o ano; identificar o ano comum e o ano bissexto. Localizar, em mapas, o local do nascimento, locais onde tenha vivido anteriormente ou tenha passado férias... <p>2. AS SUAS PERSPECTIVAS PARA UM FUTURO MAIS LONGÍNQUO</p> <ul style="list-style-type: none"> O que irá fazer nas férias grandes, no ano que vem: exprimir aspirações; enunciar projectos.
À descoberta dos outros e das instituições	<p>5. O PASSADO PRÓXIMO FAMILIAR</p> <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer datas e factos (aniversários, festas...): localizar, numa linha de tempo, datas e factos significativos. Localizar, em mapas ou plantas: local de nascimento, habitação, trabalho, férias...
À descoberta das inter-relações entre espaços	<p>5. A CASA</p> <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer os diferentes espaços da casa (salas, quartos, cozinha...). Reconhecer as funções desses espaços. Representar a sua casa (desenhos, pinturas...). <p>3. OS SEUS ITINERÁRIOS</p> <ul style="list-style-type: none"> Descrever os seus itinerários diários (casa/escola, lojas, tempos livres...). Representar os seus itinerários (desenhos, pinturas...).

**Orientações Curriculares e Programas (2004) 3.º ano:
Contextualização na esfera pública**

Blocos	Conteúdos
À descoberta dos outros e das instituições	<p>5. OS MEMBROS DA SUA FAMÍLIA</p> <ul style="list-style-type: none"> Estabelecer relações de parentesco (tios, primos, sobrinhos...): construir uma árvore genealógica simples (até à 3.ª geração — avós). <p>2. O PASSADO FAMILIAR MAIS LONGÍNQUO</p> <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer datas e factos significativos da história da família: localizar numa linha de tempo. Reconhecer locais importantes para a história da família: localizar esses locais em mapas ou plantas.
À descoberta das inter-relações entre espaços	<p>5. OS SEUS ITINERÁRIOS</p> <ul style="list-style-type: none"> Descrever itinerários não diários (passeios, visitas de estudo, férias...).

**Orientações Curriculares e Programas (2004) 1.º ano:
Contextualização na esfera pública**

Blocos	Conteúdos
À descoberta dos outros e das instituições	<p>2. O ESPAÇO DA SUA ESCOLA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer os diferentes espaços da sua escola (salas de aula, cantina, recreio, outras dependências). • Reconhecer as funções desses espaços. • Representar a sua escola (desenhos, pinturas...). <p>3. A SUA ESCOLA</p> <ul style="list-style-type: none"> • A sua classe: conhecer o número de alunos, horários, regras de funcionamento, funções dos vários elementos da classe; participar na organização do trabalho da sala (planificação, avaliação...); participar na arrumação, arranjo e conservação da sala, do mobiliário e dos materiais; participar na dinâmica do trabalho em grupo e nas responsabilidades da turma. • O funcionamento da sua escola: participar na elaboração de regras; conhecer direitos e deveres dos alunos, professores e pessoal auxiliar.
À descoberta das inter-relações entre espaços	<p>2. OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Distinguir diferentes tipos de transportes utilizados na sua comunidade. • Conhecer outros tipos de transportes. • Reconhecer tipos de comunicação pessoal (correio, telefone...). • Reconhecer tipos de comunicação social (jornais, rádio, televisão...).

**Orientações Curriculares e Programas (2004) 2.º ano:
Contextualização na esfera pública**

À descoberta de si mesmo	<p>3. O SEU CORPO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os órgãos dos sentidos: localizar, no corpo, os órgãos dos sentidos; distinguir objectos pelo cheiro, sabor, textura, forma...; distinguir sons, cheiros e cores do ambiente que o cerca (vozes, ruídos de máquinas, cores e cheiros de flores...). • Reconhecer modificações do seu corpo (queda dos dentes de leite e nascimento da dentição definitiva...). <p>4. A SAÚDE DO SEU CORPO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer e aplicar normas de: higiene do corpo (hábitos de higiene diária); higiene alimentar (identificação dos alimentos indispensáveis a uma vida saudável, importância da água potável, verificação do prazo de validade dos alimentos...); higiene do vestuário; higiene dos espaços de uso colectivo (habitação, escola, ruas...). • Identificar alguns cuidados a ter com a visão e a audição (não ler às escuras, ver televisão a uma distância correcta, evitar sons de intensidade muito elevada...). • Reconhecer a importância da vacinação para a saúde. <p>5. A SEGURANÇA DO SEU CORPO</p> <p>Conhecer e aplicar normas de prevenção rodoviária (sinais de trânsito úteis para o dia-a-dia da criança: sinais de peões, pistas de bicicletas, passagens de nível...)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar alguns cuidados na utilização: dos transportes públicos; de passagens de nível. • Conhecer e aplicar regras de segurança na praia, nos rios, nas piscinas
À descoberta dos outros e das instituições	<p>3. MODOS DE VIDA E FUNÇÕES DE ALGUNS MEMBROS DA COMUNIDADE (merceeiro, médico, agricultor, sapateiro, operário, carteiro...)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Contactar e descrever em termos de: idade; sexo; o que fazem; onde trabalham; como trabalham... <p>4. INSTITUIÇÕES E SERVIÇOS EXISTENTES NA COMUNIDADE</p> <ul style="list-style-type: none"> • Contactar e recolher dados sobre colectividades, serviços de saúde, correios, bancos, organizações religiosas, autarquias...
À descoberta das inter-relações entre espaços	<p>2. OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Distinguir diferentes tipos de transportes utilizados na sua comunidade

Orientações Curriculares e Programas (2004) 3.º ano:
Contextualização na esfera pública

<p>À descoberta de si mesmo</p>	<p>A SUA NATURALIDADE E NACIONALIDADE</p> <ul style="list-style-type: none"> • Distinguir freguesia/concelho/distrito/país.
<p>À descoberta dos outros e das instituições</p>	<p>3. O PASSADO DO MEIO LOCAL</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar figuras da história local presentes na toponímia, estatuária, tradição oral... • Conhecer factos e datas importantes para a história local (origem da povoação, concessão de forais, batalhas, lendas históricas...). • Conhecer vestígios do passado local: construções (habitações, castelos, moinhos, antigas fábricas, igrejas, monumentos pré-históricos, pontes, solares, pelourinhos...); alfaias e instrumentos antigos e actividades a que estavam ligados; costumes e tradições locais (festas, jogos tradicionais, medicina popular, trajes, gastronomia...) e feriado municipal (acontecimento a que está ligado). • Reconhecer a importância do património histórico local. <p>4. CONHECER COSTUMES E TRADIÇÕES DE OUTROS POVOS</p> <p>5. RECONHECER SÍMBOLOS LOCAIS (BANDEIRAS E BRASÕES)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Da freguesia. • Do concelho. • Do distrito. <p>6. CONHECER SÍMBOLOS REGIONAIS (BANDEIRAS E HINOS REGIONAIS)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dos Açores. • Da Madeira. <p>7. OUTRAS CULTURAS DA SUA COMUNIDADE</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer aspectos da cultura das minorias que eventualmente habitem na localidade ou bairro (costumes, língua, gastronomia, música...).
<p>À descoberta das inter-relações entre espaços</p>	<p>5. O COMÉRCIO LOCAL</p> <ul style="list-style-type: none"> • Contactar, observar e descrever diferentes locais de comércio (supermercado, mercearia, sapataria, praça, feira...): o que vendem; onde se abastecem; como se transportam os produtos; como se conservam os produtos alimentares; como se vendem (condições de armazenamento e manuseamento...); reconhecer menções obrigatórias nos produtos (composição, validade, modo de emprego...); reconhecer a importância do recibo e/ou factura. • Localizar esses espaços numa planta do bairro ou da localidade.
<p>À descoberta do ambiente natural</p>	<p>2. ASPECTOS FÍSICOS DO MEIO LOCAL</p> <ul style="list-style-type: none"> • Distinguir formas de relevo existentes na região (elevações, vales, planícies...): observar directamente e indirectamente (fotografias, ilustrações...); localizar em mapas • Recolher amostras de diferentes tipos de solo: identificar algumas das suas características (cor, textura, cheiro, permeabilidade); procurar o que se encontra no solo (animais, pedras, restos de seres vivos). • Recolher amostras de rochas existentes no ambiente próximo: identificar algumas das suas características (cor, textura, dureza...); reconhecer a utilidade de algumas rochas. • Distinguir meios aquáticos existentes na região (cursos de água, oceano, lagoas...): localizar em mapas; reconhecer nascente, foz, margem direita e esquerda, afluentes.
<p>À descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade</p>	<p>5. A AGRICULTURA DO MEIO LOCAL</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fazer o levantamento dos principais produtos agrícolas da região. • Reconhecer a agricultura como fonte de matérias-primas (trigo/farinha, tomate/concentrado, uvas/vinho...). • Identificar alguns factores naturais com influência na agricultura (clima, solo, relevo). • Fazer o levantamento de algumas técnicas utilizadas pelo homem para superar

dificuldades originadas por factores naturais (estufas, rega, socalcos, adubação...).

- Investigar algumas técnicas tradicionais e modernas e instrumentos que lhe estão associados (lavrado/tractor, rega/picota, nora/aspersão...).
- Observar o ritmo dos trabalhos agrícolas ao longo do ano (sementeiras, mondas, colheitas...).
- Identificar alguns perigos para o homem e para o ambiente resultantes do uso de produtos químicos na agricultura (cuidados a ter com o uso de pesticidas, herbicidas, adubos químicos...).

2. A CRIAÇÃO DE GADO NO MEIO LOCAL

- Fazer o levantamento das principais espécies animais criadas na região.
- Distinguir entre exploração pecuária familiar e industrial (nº de animais, como vivem e se alimentam, cuidados sanitários...).
- Reconhecer a criação de gado como fonte de alimentos.
- Reconhecer a criação de gado como fonte de matérias-primas (lacticínios, salsicharia, cortumes...).
- Relacionar algumas actividades com a criação de gado (pastorícia, tosquia...).
- Identificar alguns problemas de poluição provocados pela criação de gado.

3. A EXPLORAÇÃO FLORESTAL DO MEIO LOCAL

- Fazer o levantamento das principais espécies florestais da região.
- Identificar alguns produtos derivados da floresta da região.
- Reconhecer a floresta como fonte de matérias-primas (madeira, resina, cortiça...).
- Relacionar algumas actividades com a exploração florestal (serrações, descorticação...).
- Conhecer algumas normas de prevenção de incêndios florestais.

4. A ACTIVIDADE PISCATÓRIA NO MEIO LOCAL

- Fazer o levantamento de locais de pesca da região (mar, rios, lagoas, albufeiras).
- Fazer o levantamento das principais espécies pescadas na região (peixes, 70r670e70ceos, bivalves...).
- Reconhecer a pesca como fonte de alimentos.
- Reconhecer a pesca como fonte de matérias-primas (conservas, farinha de peixe...).
- Reconhecer formas de criação de peixes em cativeiro (viveiros de trutas, achi-gãs...).
- Identificar alguns factores que podem pôr em perigo as espécies aquáticas (poluição, pesca excessiva...).
- Fazer o levantamento de algumas técnicas de pesca (tipo de barcos, de redes...).
- Reconhecer formas de comercialização e conservação do pescado (lotas, redes de frio...).
- Fazer o levantamento de outras actividades ligadas aos meios aquáticos (extração de sal, apanha de algas).

5. A EXPLORAÇÃO MINERAL DO MEIO LOCAL

- Fazer o levantamento de locais de exploração mineral (mina, pedreiras, areeiros...).
- Fazer o levantamento dos principais produtos minerais da região.
- Reconhecer a exploração mineral como fonte de matérias-primas (construção, indústria...).
- Identificar alguns perigos para o homem e para o ambiente decorrentes da exploração mineral (poluição provocada pelas pedreiras, silicose dos mineiros...).

6. A INDÚSTRIA DO MEIO LOCAL

- Fazer o levantamento das indústrias existentes no meio local.
- Identificar algumas matérias-primas usadas nessas indústrias (de onde vêm, como vêm...).
- Identificar fontes de energia utilizadas na sua transformação.
- Identificar a mão-de-obra e observar a maquinaria utilizada.
- Identificar para onde vão e como vão os produtos finais.
- Reconhecer as indústrias como fontes de poluição (atmosférica, aquática, sonora...).

7. O TURISMO NO MEIO LOCAL

	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar alguns factores de atracção turística (praias, parques naturais, termas, monumentos...). • Reconhecer algumas infra-estruturas turísticas da região (hotéis, parques de campismo, restaurantes...). • Discutir vantagens e desvantagens do turismo para a região. <p>8. AS CONSTRUÇÕES DO MEIO LOCAL</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observar edifícios construídos e em diversas fases de construção. • Identificar materiais utilizados na sua construção. • Identificar profissões envolvidas na sua construção. • Reconhecer funções dos edifícios (habitação, comércio, teatro, locais de culto, indústrias...). • Reconhecer outras construções (pontes, estradas, portos, caminhos-de-ferro, barragens...). • Reconhecer a importância e a necessidade do saneamento básico e do abastecimento de água. • Reconhecer a importância e a necessidade dos espaços de lazer (jardins, recintos desportivos, cinemas...).
--	--

**Orientações Curriculares e Programas (2004) 4.º ano:
Contextualização na esfera pública**

À descoberta dos outros e das instituições	<p>5. O PASSADO DO MEIO LOCAL</p> <p>**• Pesquisar sobre o passado de uma instituição local (escola, autarquia, instituições religiosas, associações...): recorrer a fontes orais e documentais para a reconstituição do passado da instituição.</p> <p>2. O PASSADO NACIONAL</p> <p>* • Conhecer personagens e factos da história nacional com relevância para o meio local (batalha ocorrida em local próximo, reis que concederam forais a localidades da região...).</p> <p>2. A QUALIDADE DO AMBIENTE</p> <ul style="list-style-type: none"> • A qualidade do ambiente próximo: identificar e observar alguns factores que contribuem para a degradação do meio próximo (lixeiros, indústrias poluentes, 71rótuição do património histórico...); enumerar possíveis soluções; identificar e participar em formas de promoção do ambiente.
---	--

**Orientações Curriculares e Programas (2004) 1.º ano.
Não contextualização**

À descoberta de si mesmo	<p>5. A SEGURANÇA DO SEU CORPO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer e aplicar normas de prevenção rodoviária (caminhar pela esquerda nas estradas, atravessar nas passadeiras, respeitar os semáforos...). • Conhecer e aplicar normas de prevenção de acidentes domésticos: cuidados a ter com objectos e produtos perigosos (cortantes, contundentes, inflamáveis, corrosivos, tóxicos...); cuidados a ter com a electricidade; sinalização relativa à segurança (venenos, electricidade...).
À descoberta dos outros e das instituições	<p>2. A VIDA EM SOCIEDADE</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer e aplicar algumas regras de convivência social. • Respeitar os interesses individuais e colectivos. • Conhecer e aplicar formas de harmonização de conflitos: diálogo, consenso, votação.
À descoberta do ambiente natural	<p>5. OS SERES VIVOS DO SEU AMBIENTE</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer alguns cuidados a ter com as plantas e os animais. • Reconhecer manifestações da vida vegetal e animal (observar plantas e animais em diferentes fases da sua vida).

	<p>2. OS ASPECTOS FÍSICOS DO MEIO LOCAL</p> <ul style="list-style-type: none"> • A noite e o dia (comparar a duração do dia e da noite ao longo do ano...). • Reconhecer diferentes formas sob as quais a água se encontra na natureza (rios, ribeiros, poços...). <p>3. IDENTIFICAR CORES, SONS E CHEIROS DA NATUREZA (das plantas, do solo, do mar, dos cursos de água, dos animais, do vento...)</p>
À descoberta das inter-relações entre espaços	<p>4. LOCALIZAR ESPAÇOS EM RELAÇÃO A UM PONTO DE REFERÊNCIA (perto de/longe de; em frente de/atrás de; dentro de/fora de; entre; ao lado de; à esquerda de/à direita de...)</p>
À descoberta dos materiais e objectos	<p>5. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM ALGUNS MATERIAIS E OBJECTOS DE USO CORRENTE (sal, açúcar, leite, madeira, barro, cortiça, areia, papel, cera, objectos variados...)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Comparar alguns materiais segundo propriedades simples (forma, textura, cor, sabor, cheiro...). • Agrupar materiais segundo essas propriedades. <p>2. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM A ÁGUA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Realizar experiências que conduzem à conservação da capacidade/volume, independentemente da forma do objecto. • Identificar algumas propriedades físicas da água (incolor, inodora, insípida). • Reconhecer materiais que flutuam e não flutuam. • Verificar experimentalmente o efeito da água nas substâncias (molhar, dissolver, tornar moldável...). <p>3. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM O SOM</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar sons do seu ambiente imediato. • Produzir sons (percutindo, soprando, abanando objectos e utilizando instrumentos musicais simples). <p>4. MANUSEAR OBJECTOS EM SITUAÇÕES CONCRETAS (tesoura, martelo, sacho, máquina de escrever, gravador, lupa, agrafador, furador...)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer e aplicar alguns cuidados na sua utilização e conservação.

Orientações Curriculares e Programas (2004) 2.º Ano.
Não contextualização

À descoberta dos outros e das instituições	<p>Conhecer unidades de tempo: a década. Reconhecer a importância do património histórico local.</p>
À descoberta do ambiente natural	<p>5. OS SERES VIVOS DO SEU AMBIENTE</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observar e identificar algumas plantas espontâneas; plantas cultivadas; reconhecer diferentes ambientes onde vivem as plantas; conhecer partes constitutivas das plantas mais comuns (raiz, caule, folhas, flores e frutos); registar variações do aspecto, ao longo do ano, de um arbusto ou de uma árvore. **• Observar e identificar alguns animais selvagens; animais domésticos; reconhecer diferentes ambientes onde vivem os animais (terra, água, ar); reconhecer características externas de alguns animais (corpo coberto de penas, pêlos, escamas, bico, garras...); recolher dados sobre o modo de vida desses animais (o que comem, como se reproduzem, como se deslocam...). <p>2. OS ASPECTOS FÍSICOS DO MEIO LOCAL</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer alguns estados do tempo (chuvoso, quente, frio, ventoso...). • Relacionar as estações do ano com os estados do tempo característicos. • Reconhecer a existência do ar (realizar experiências). • Reconhecer o ar em movimento (vento, correntes de ar...). <p>3. CONHECER ASPECTOS FÍSICOS E SERES VIVOS DE OUTRAS REGIÕES OU PAÍSES</p>
À descoberta das inter-relações entre espaços	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer outros tipos de transportes. • Reconhecer tipos de comunicação social (jornais, rádio, televisão...).

<p>À descoberta dos materiais e objectos</p>	<p>5. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM ALGUNS MATERIAIS E OBJECTOS DE USO CORRENTE (sal, açúcar, vidro, madeira, barro, areia, cortiça, papel, cera, objectos variados...)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Comparar materiais segundo algumas das suas propriedades (flexibilidade, resistência, solubilidade, dureza, transparência, combustibilidade...). • Agrupar materiais segundo essas propriedades. • Relacionar essas propriedades com a utilidade dos materiais. • Identificar a sua origem (natural/artificial). <p>2. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM O AR</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a existência do ar (balões, seringas...). • Reconhecer que o ar tem peso (usar balões e bolas com ar e vazios). • Experimentar o comportamento de objectos em presença de ar quente e de ar frio (objectos leves sobre um calorífero, balões de S. João...). <p>3. MANUSEAR OBJECTOS EM SITUAÇÕES CONCRETAS (tesoura, martelo, sacho, serrote, máquina de escrever, gravador, lupa, agrafador, furador...)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a sua utilidade. • Conhecer e aplicar alguns cuidados na sua utilização.
---	--

**Orientações Curriculares e Programas (2004) 4.º ano:
Não contextualização**

<p>À descoberta de si mesmo</p>	<p>2. O SEU CORPO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar fenómenos relacionados com algumas das funções vitais: digestão (sensação de fome, enfiamento...); circulação (pulsção, hemorragias...); respiração (movimentos respiratórios, falta de ar...). • Conhecer as funções vitais (digestiva, respiratória, circulatória, excretora, reprodutora/sexual). • Conhecer alguns órgãos dos aparelhos correspondentes (boca, estômago, intestinos, coração, pulmões, rins, genitais): localizar esses órgãos em representações do corpo humano. • Reconhecer situações agradáveis e desagradáveis e diferentes possibilidades de reacção (calor, frio, fome, conforto, dor...). • Reconhecer estados psíquicos e respectivas reacções físicas (alegria/riso, tristeza/choro, medo/tensão...). • Reconhecer alguns sentimentos (amor, amizade...) e suas manifestações (carinho, ternura, zanga...). <p>3. A SAÚDE DO SEU CORPO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a importância do ar puro e do sol para a saúde. • Identificar perigos do consumo de álcool, tabaco e outras drogas. <p>4. A SEGURANÇA DO SEU CORPO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer algumas regras de primeiros socorros: mordeduras de animais; hemorragias
<p>À descoberta dos outros e das instituições</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer unidades de tempo: a década. • Reconhecer a importância do património histórico local.
<p>À descoberta do ambiente natural</p>	<p>5. OS SERES VIVOS DO AMBIENTE PRÓXIMO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Comparar e classificar plantas segundo alguns critérios, tais como: cor da flor, forma da folha, folha caduca ou persistente, forma da raiz, plantas comestíveis e não comestíveis... (constituição de um herbário). • Realizar experiências e observar formas de reprodução das plantas (germinação das sementes, reprodução por estaca...). • Reconhecer a utilidade das plantas (alimentação, mobiliário, fibras vegetais...). • Comparar e classificar animais segundo as suas características externas e modo de vida. • Identificar alguns factores do ambiente que condicionam a vida das plantas e dos animais (água, ar, luz, temperatura, solo) — realizar experiências. • Construir cadeias alimentares simples. <p>3. OS ASTROS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer o Sol como fonte de luz e calor.

	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar as posições do Sol ao longo do dia (nascente/sul/poente). • Conhecer os pontos cardeais. • Distinguir estrelas de planetas (Sol — estrela; Lua — planeta).
À descoberta das inter-relações entre espaços,	<ul style="list-style-type: none"> • Localizar os pontos de partida e de chegada. • Traçar os itinerários em plantas ou mapas. <p>2. LOCALIZAR ESPAÇOS EM RELAÇÃO A UM PONTO DE REFERÊNCIA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar processos de orientação (sol, bússola...). • Conhecer os pontos cardeais. <p>3. OS DIFERENTES ESPAÇOS DO SEU BAIRRO OU DA SUA LOCALIDADE (habitação, comércio, lazer...)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer as funções desses espaços. • Representar esses espaços (desenhos, pinturas...). <p>4. DESLOCAÇÕES DOS SERES VIVOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer as deslocações dos animais (andorinhas, rolas, cegonhas...): para onde vão, quando partem, quando voltam. <p>6. MEIOS DE COMUNICAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Investigar sobre a evolução dos transportes. • Investigar sobre a evolução das comunicações (pessoais e sociais).
À descoberta dos materiais e objectos	<p>5. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM A LUZ</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar fontes luminosas. • Observar a passagem da luz através de objectos transparentes (lentes, prismas, água...). • Observar a intersecção da luz pelos objectos opacos — sombras. • Realizar jogos de luz e sombra e sombras chinesas. • Observar e experimentar a reflexão da luz em superfícies polidas (espelhos...). <p>2. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM ÍMANES</p> <ul style="list-style-type: none"> • Realizar jogos com ímanes. • Observar o comportamento dos materiais em presença de um íman (atração ou não atração, repulsão). • Magnetizar objectos metálicos (pregos, alfinetes...). • Construir uma bússola. <p>3. REALIZAR EXPERIÊNCIAS DE MECÂNICA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Realizar experiências com alavancas, quebra-nozes, tesouras... (forças). • Realizar experiências e construir balanças, baloiços, mobiles... (equilíbrio). • Realizar experiências com roldanas e rodas dentadas (transmissão do movimento). • Realizar experiências com molas e elásticos (elasticidade). • Realizar experiências com pêndulos (movimentos). <p>4. MANUSEAR OBJECTOS EM SITUAÇÕES CONCRETAS (tesoura, 74r674elo, sacho, serrote, máquina fotográfica e de escrever, gravador, retroprojector, 74r674elo, lupa, bússola, microscópio...)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer e aplicar alguns cuidados na sua utilização e conservação. • Reconhecer a importância da leitura das instruções e/ou normas de utilização.
À descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade	<p>9. INVESTIGAR SOBRE AS CONSTRUÇÕES DE OUTRAS REGIÕES OU PAÍSES</p>

**Orientações Curriculares e Programas (2004) 4.º ano:
Não contextualização**

À descoberta de si mesmo	<p>5. O SEU CORPO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os ossos: reconhecer a existência dos ossos; reconhecer a sua função (suporte e protecção); observar em representações do corpo humano. • Os músculos: reconhecer a existência dos músculos; reconhecer a sua função (movimentos, suporte...); observar em representações dos músculos humanos.
--------------------------	---

	<ul style="list-style-type: none"> • A pele: identificar a função de protecção da pele. <p>2. A SEGURANÇA DO SEU CORPO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar alguns cuidados a ter com a exposição ao sol. • Conhecer algumas regras de primeiros socorros: conhecer algumas medidas elementares a ter em conta em casos de queimaduras solares, fracturas e distensões. • Conhecer e aplicar regras de prevenção de incêndios (nas habitações, locais públicos, florestas...). • Conhecer regras de segurança anti-sísmicas (prevenção e comportamentos a ter durante e depois de um sismo).
À descoberta dos outros e das instituições	<p>2. O PASSADO NACIONAL</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer os factos históricos que se relacionam com os feriados nacionais e seu significado. • Localizar os factos e as datas estudados no friso cronológico da História de Portugal. • Conhecer unidades de tempo: o século. <p>3. RECONHECER SÍMBOLOS NACIONAIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bandeira nacional. • Hino nacional.
À descoberta do ambiente natural	<p>5. ASPECTOS FÍSICOS DO MEIO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer e observar fenómenos: de condensação (nuvens, nevoeiro, orvalho); de solidificação (neve, granizo, geada) e de precipitação (chuva, neve, granizo). • Realizar experiências que representem fenómenos de – evaporação; condensação; solidificação; <input type="checkbox"/> e precipitação. • Compreender que a água das chuvas se infiltra no solo dando origem a lençóis de água. • Reconhecer nascentes e cursos de água. <p>2. OS ASTROS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Constatar a forma da Terra através de fotografias, ilustrações... • Observar e representar os aspectos da Lua nas diversas fases. • Observar num modelo o sistema solar. <p>3. ASPECTOS FÍSICOS DE PORTUGAL</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar os maiores rios (Tejo, Douro, Guadiana, Mondego, Sado): localizar no mapa de Portugal; observar directa ou indirectamente (fotografias, ilustrações...). • Identificar as maiores elevações (Pico, Serra da Estrela, Pico do Areeiro): localizar no mapa de Portugal; observar directa ou indirectamente (fotografias, ilustrações...).
À descoberta das inter-relações entre espaços	<p>5. O CONTACTO ENTRE A TERRA E O MAR</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observar directa ou indirectamente: alguns aspectos da costa (praias, arribas, dunas, cabos...); alguns aspectos da costa portuguesa («Ria» de Aveiro, Cabo Carvoeiro, Cabo da Roca, Estuário do Tejo e do Sado, Ponta de Sagres). • Localizar no mapa de Portugal. • Localizar em mapas ilhas e arquipélagos (Açores e Madeira). • Localizar no planisfério e no globo os continentes e os oceanos. • Reconhecer o Oceano Atlântico como fronteira marítima de Portugal. • Observar a acção do mar sobre a costa. • Observar as marés. • Observar e recolher seres vivos e materiais encontrados na praia. • Identificar a sinalização das costas (faróis, sinais sonoros, bóias de sinalização...). <p>2. OS AGLOMERADOS POPULACIONAIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer aglomerados populacionais (aldeias, vilas e cidades). • Identificar as cidades do seu distrito: localizar no mapa. • Localizar no mapa a capital do País. • Localizar as capitais de distrito. <p>3. PORTUGAL NA EUROPA E NO MUNDO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo. • Reconhecer a fronteira terrestre com a Espanha. • Localizar no planisfério e no globo os países lusófonos. • Fazer o levantamento de países onde os alunos tenham familiares emigrados.

<p>À descoberta dos materiais e objectos</p>	<p>5. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM ALGUNS MATERIAIS E OBJECTOS DE USO CORRENTE (sal, açúcar, leite, madeira, barro, rochas, cortiça, areia, papel, cera, objectos variados...)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Classificar os materiais em sólidos, líquidos e gasosos segundo as suas propriedades. • Observar o comportamento dos materiais face à variação da temperatura (fusão, solidificação, dilatação...). • Realizar experiências que envolvam mudanças de estado. <p>2. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM A ÁGUA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Realizar experiências que permitam constatar o princípio dos vasos comunicantes (construir um repuxo). • Observar os efeitos da temperatura sobre a água (ebulição, evaporação, solidificação, fusão e condensação). <p>3. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM A ELECTRICIDADE</p> <ul style="list-style-type: none"> • Produzir electricidade por fricção entre objectos. • Realizar experiências simples com pilhas, lâmpadas, fios e outros materiais condutores e não condutores. • Construir circuitos eléctricos simples (alimentados por pilhas). <p>4. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM O AR</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer, através de experiências, a existência do oxigénio no ar (combustões). • Reconhecer, através de experiências, a pressão atmosférica (pipetas, conta-gotas, palhinhas de refresco...). <p>5. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM O SOM</p> <ul style="list-style-type: none"> • Realizar experiências, de transmissão do som através dos sólidos, líquidos e gases (construir um telefone de cordel, campainha dentro de um recipiente com água...). <p>6. MANUSEAR OBJECTOS EM SITUAÇÕES CONCRETAS (tesoura, 76r676elo, sacho, serrote, máquina fotográfica e de escrever, gravador, retroprojector, 76r676ector de diapositivos, lupa, bússola, microscópio...)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer e aplicar alguns cuidados na sua utilização e conservação. • Reconhecer a importância da leitura das instruções e/ou normas de utilização
<p>À descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade</p>	<p>5. PRINCIPAIS ACTIVIDADES PRODUTIVAS NACIONAIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a agricultura, pecuária, silvicultura, pesca, indústria, comércio e serviços como actividades económicas importantes em Portugal. • Identificar os principais produtos agrícolas portugueses (vinho, azeite, frutos, cereais, cortiça...). • Identificar os principais produtos da floresta portuguesa (madeira, resina...). • Identificar os principais produtos ligados à pecuária (produção de carne, ovos, leite...). • Identificar os principais produtos da indústria portuguesa (têxteis, calçado, pasta de papel, conservas, derivados de cortiça...). <p>2. A QUALIDADE DO AMBIENTE</p> <ul style="list-style-type: none"> • A qualidade do ar: reconhecer os efeitos da poluição atmosférica (efeito de estufa, a rarefacção do ozono, chuvas ácidas...); reconhecer a importância das florestas para a qualidade do ar. • A qualidade da água: reconhecer algumas formas de poluição dos cursos de água e dos oceanos (esgotos, fluentes industriais, marés negras...). • Reconhecer algumas formas de poluição sonora (fábricas, automóveis, motos...): identificar alguns efeitos prejudiciais do ruído. • Identificar alguns desequilíbrios ambientais provocados pela actividade humana: extinção de recursos; extinção de espécies animais e vegetais; reconhecer a importância das reservas e parques naturais para a preservação do equilíbrio entre a Natureza e a Sociedade.

Anexo III



Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
da Universidade de Coimbra
Mestrado em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores

GUIÃO DA ENTREVISTA A PROFESSORES DO 1.º CEB

Senhor(a) Professor(a);

Estou a realizar um estudo sobre actividades pedagógicas no âmbito do meu Mestrado de *Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores* da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Para o concretizar preciso da sua **colaboração**, que se consubstancia no seguimento desta Entrevista.

Não havendo respostas certas nem erradas, peço-lhe que dê a sua opinião sincera, na certeza de que ela será **mantida confidencial** e só servirá para os **fins científicos** que referi.

Desde já agradeço a sua disponibilidade.

Maria José Moleiro

1. Idade _____ **2. Tempo de serviço** _____ **3. Sexo** Feminino Masculino

4. Ano de escolaridade que lecciona 1.º ano 2.º ano 3.º ano 4.º ano

Gostaria de obter a sua opinião acerca da actividade que lhe mostrar. A B C

1. No seu entender, o que é que se pretende com ela em termos de aprendizagem dos alunos?

2. Como é que um professor deverá concretizar esta actividade em sala de aula?

3. Que resultados, em termos de aprendizagem, é que lhe parece que esta actividade terá?

4. Como professor tem realizado actividades semelhantes a esta com os seus alunos?

5. Como é que os alunos reagem a actividades como esta?

6. E os encarregados de educação como reagem?

Anexo IV

ACTIVIDADE A

Chamo-me _____

Nasci a _____ do mês de _____ do ano de _____

Os meus pais chamam-se

Mãe _____

Pai _____

Agora, vou desenhar a minha família:



Desenho também a rua onde vivo e assinalo a minha casa.



O meu endereço é:

Rua: _____

Número: _____ Andar: _____

Código Postal: _____ Localidade: _____

Anexo V

ACTIVIDADE B

No mapa pinta a região onde a tua escola se situa.

Como se chama essa região?

Em que aldeia, vila ou cidade se situa a tua escola?

E qual é o concelho a que pertence?

E qual é o distrito a que pertence esse concelho?

Refere outras cidades desse distrito:

Nesse distrito há alguns monumentos? Diz quais.

E que serviços existem nesse distrito?

Indica as principais indústrias existentes nesse distrito?



Anexo VI

ACTIVIDADE C

1. Escreve os nomes das partes constitutivas de uma planta e diz para que servem.

2. Indica diferenças entre:

- Seres vivos -

- Seres não vivos -

_____	_____
_____	_____
_____	_____

3. Completa o quadro:

CÃO E GATO	Têm o corpo coberto de pêlos e mamam enquanto pequenos. Respiram pelos pulmões.	São os _____
ÁGUIA e POMBO	Têm penas, asas e bico. Quase todas voam.	São as _____
SARDINHA e TUBARÃO	Têm escamas, barbatanas e guelras. Vivem na água.	São os _____
COBRA e LAGARTO	Rastejam e têm o corpo coberto de escamas. Dormem durante o Inverno.	São os _____

4. Recorda os órgãos dos sentidos e desenha onde se localiza cada um deles.

Audição	Visão	Olfacto	Paladar	Tacto